Colégio
APLICAÇÃO

TÉCNICAS DE REDAÇÃO
1º ano

Tel.: 3681-3419
www.colegioaplicacao.com.br

Rua Minas Bogasian, 308 - Centro - Osasco

CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE TEXTO

Sem dúvida alguma, a palavra texto é familiar a qualquer pessoa ligada à prática escolar. Ela aparece com alta frequência no linguajar cotidiano tanto no interior da escola quanto fora de seus limites. Não são estranhas a ninguém expressões como as que seguem: "redija um texto", "texto bem elaborado", "o texto constitucional não está suficientemente claro", "os atores da peça são bons mas o texto é ruim", "o redator produziu um bom texto", etc. Por causa exatamente dessa alta frequência de uso, todo estudante tem algumas noções sobre o que significa texto. Dentre essas noções, algumas ganham importância especial para este livro, que se propõe ensinar a ler e a escrever textos.

Nesta lição introdutória, vamos fazer duas considerações fundamentais sobre a natureza do texto:

Primeira consideração: o texto não é um aglomerado de frases.

A revista *Veja* de 1º de junho de 1988, em matéria publicada nas páginas 90 e 91, traz uma reportagem sobre um caso de corrupção que envolvia, como suspeitos, membros ligados à administração do governo do Estado de São Paulo e dois cidadãos portugueses dispostos a lançar um novo tipo de jogo lotérico, designado pelo nome de "Raspadinha". Entre os suspeitos figurava o nome de Otávio Ceccato, que, no momento, ocupava o cargo de secretário de Indústria e Comércio e que negava sua participação na negociata.

O fragmento que vem a seguir, extraído da parte final da referida reportagem, relata a resposta de Ceccato aos jornalistas nos seguintes termos:

> Na sua posse como secretário de Indústria e Comércio, Ceccato, nervoso, foi infeliz ao rebater as denúncias. "Como São Pedro, nego, nego, nego", disse a um grupo de repórteres, referindo-se à conhecida passagem em que São Pedro negou conhecer Jesus Cristo três vezes na mesma noite. Esqueceu-se de que São Pedro, naquele episódio, disse talvez a única mentira de sua vida. (Ano 20, 22:91.)

Como se pode notar, a defesa do secretário foi infeliz e desastrosa, produzindo efeito contrário ao que ele tinha em mente.

A citação, no caso, ao invés de inocentá-lo, acabou por comprometê-lo.

Sob o ponto de vista da análise do texto, qual teria sido a razão do equívoco lamentável cometido pelo secretário? Sem dúvida, a resposta é esta: ao citar a passagem bíblica, o acusado esqueceu-se de que ela faz parte de um texto e, em qualquer texto, o significado das frases não é autônomo.

Desse modo, não se pode isolar frase alguma do texto e tentar conferir-lhe o significado que se deseja. Como bem observou o repórter, no episódio bíblico citado pelo secretário, São Pedro, enquanto Cristo estava preso, foi reconhecido como um de seus companheiros e, ao ser indagado pelo soldado, negou três vezes seguidas conhecer aquele homem. Segundo a mesma Bíblia, posteriormente Pedro arrependeu-se da mentira e chorou copiosamente.

Esse relato serve para demonstrar de maneira simples e clara que uma mesma frase pode ter significados distintos dependendo do contexto dentro do qual está inserida. O grande equívoco do secretário, para sua infelicidade, foi o de desprezar o texto de onde ele extraiu a frase, sem se dar conta de que, no texto, o significado das partes depende das correlações que elas mantêm entre si.

Isso nos leva à conclusão de que, para entender qualquer passagem de um texto, é necessário confrontá-la com as demais partes que o compõem sob pena de dar-lhe um significado oposto ao que ela de fato tem.

Em outros termos, é necessário considerar que, para fazer uma boa leitura, deve-se sempre levar em conta o contexto em que está inserida a passagem a ser lida.

Entende-se por contexto uma unidade lingüística maior onde se encaixa uma unidade linguística menor. Assim, a frase encaixa-se no contexto do parágrafo, o parágrafo encaixa-se no contexto do capítulo, o capítulo encaixa-se no contexto da obra toda.

Uma observação importante a fazer é que nem sempre o contexto vem explicitado linguisticamente. O texto mais amplo dentro do qual se encaixa uma passagem menor pode vir implícito: os elementos da situação em que se produz o texto podem dispensar maiores esclarecimentos e dar como pressuposto o contexto em que ele se situa.

Para exemplificar o que acaba de ser dito, observe-se um minúsculo texto como este:

A nossa cozinheira está sem paladar.

Podem-se imaginar dois significados completamente diferentes para esse texto dependendo da situação concreta em que é produzido.

Dito durante o jantar, após ter-se experimentado a primeira colher de sopa, esse texto pode significar que a sopa está sem sal; dito para o médico no consultório, pode significar que a empregada pode estar acometida de alguma doença.

Para finalizar esta primeira consideração, convém enfatizar que toda leitura, para não ser equivocada, deve necessariamente levar em conta o contexto que envolve a passagem que está sendo lida, lembrando que esse

contexto pode vir manifestado explicitamente por palavras ou pode estar implícito na situação concreta em que é produzido.

Segunda consideração: todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla.

Nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação da individualidade de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade. Até mesmo uma simples notícia jornalística, sob a aparência de neutralidade, tem sempre alguma intenção por trás.

Observe-se, a título de exemplo, a passagem que segue, extraída da revista *Veja* do dia 1º de junho de 1988, página 54.

CRIME
TIRO CERTEIRO
Estado americano limita porte de armas.

No começo de 1981, um jovem de 25 anos chamado John Hinckley Jr. entrou numa loja de armas de Dallas, no Texas, preencheu um formulário do governo com endereço falso e, poucos minutos depois, saiu com um Saturday Night Special — nome criado na década de 60 para chamar um tipo de revólver pequeno, barato e de baixa qualidade. Foi com essa arma que Hinckley, no dia 30 de março daquele ano, acertou uma bala no pulmão do presidente Ronald Reagan e outra na cabeça de seu porta-voz, James Brady. Reagan recuperou-se totalmente, mas Brady desde então está preso a uma cadeira de rodas. (...)

Seguramente, por trás da notícia, existe, como pressuposto, um pronunciamento contra o risco de vender arma para qualquer pessoa, indiscriminadamente.

Para comprovar essa constatação, basta pensar que os fabrica de revólveres, se pudessem, não permitiriam a veiculação dessa notícia.

O exemplo escolhido deixa claro que qualquer texto, por mais objetivo e neutro que pareça, manifesta sempre um posicionamento 11 ente a uma questão qualquer posta em debate.

Ao final desta lição, devem ficar bem plantadas as seguintes conclusões:

a) Uma boa leitura nunca pode basear-se em fragmentos isolados do texto, já que o significado das partes sempre é determinado pelo contexto dentro do qual se encaixam.

b) Uma boa leitura nunca pode deixar de apreender o pronunciamento contido por trás do texto, já que sempre se produz um texto para marcar posição frente a uma questão qualquer.

TEXTO COMENTADO

Meu engraxate

É por causa do meu engraxate que ando agora em plena desolação. Meu engraxate me deixou.

Passei duas vezes pela porta onde ele trabalhava e nada. Então me inquietei, não sei que doenças mortíferas, que mudança pra outras portas se pensaram em mim, resolvi perguntar ao menino que trabalhava na outra cadeira. O menino é um retalho de hungarês, cara de infeliz, não dá simpatia alguma. E tímido o que torna instintivamente a gente muito combinado com o universo no propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença. "Está vendendo bilhete de loteria", respondeu antipático, me deixando numa perplexidade penosíssima: pronto! Estava sem engraxate! Os olhos do menino chispeavam ávidos, porque sou dos que ficam fregueses e dão gorjeta. Levei seguramente um minuto pra definir que tinha de continuar engraxando sapatos toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom.

ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. São Paulo, Martins, 1963. p. 167.

Para mostrar que, num texto, o significado de uma parte depende de sua relação com outras partes, vamos tentar fazer uma interpretação isolada do primeiro parágrafo (linhas 1 e 2). Tomada isoladamente, essa parte pode sugerir a interpretação de que o narrador está desolado por ter perdido contato com um garoto ao qual se ligava por fortes laços afetivos. Essa interpretação é inatacável se não confrontarmos. Essa passagem com outras do texto. Fazendo o confronto, no entanto, essa leitura não tem validade dentro desse texto.

As frases "pronto! Estava sem engraxate!" (linha 11) definem a razão da perplexidade penosíssima (linhas 10 e 11), da desolação (linhas l e 2) e da inquietude do narrador (linhas 3 e 4): perdera os serviços do engraxate e não um amigo. As observações que faz sobre o menino que lhe dá informações sobre o seu engraxate ("retalho de hungarês", "cara de infeliz", "não dá simpatia nenhuma", "tímido", "propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença") revelam que nenhum sentimento positivo o impele na direção de uma relação amigável com o menino. As frases "tinha que continuar engraxando sapatos toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom" (linhas 13-15) mostram que o que define as relações interpessoais são os interesses: o narrador estava preocupado com recuperar o serviço que lhe era prestado e não a pessoa que lhe prestava o serviço. A atitude dos dois engraxates corrobora a interpretação de que a relação entre eles e o narrador era determinada pelo interesse e não pela amizade: um abandonara o trabalho de engraxate para vender bilhete de loteria (linhas 9 e 10), certamente um trabalho mais rentável; os olhos do outro "chispeavam ávidos" (linhas 11 e 12), ao ver que o narrador procurava um engraxate, porque ele era dos que ficavam fregueses e davam gorjeta (linhas 12 e 13).

Como se pode notar, o texto é um tecido, uma estrutura construída de tal modo que as frases não têm significado autônomo: num texto, o sentido de uma frase é dado pela correlação que ela mantém com as demais.

Desse texto, não se pode inferir, apesar da primeira impressão, que as relações interpessoais sejam pautadas pela amizade ou pelo benquerer.

Além disso, é preciso ressaltar que, por trás dessa história inventada, existe um pronunciamento de quem produziu o texto: ao relatar a relação interesseira entre as pessoas, sem dúvida, está desmascarando a hipocrisia e pondo à mostra o egoísmo que se esconde nos sentimentos que umas pessoas dizem ter por outras. O que determina as relações sociais são os interesses recíprocos e a troca de favores.

EXERCÍCIOS

Os desastres de Sofia

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

- Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastradamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. (...)

LISPECTOR, Clarice. A legião estrangeira. São Paulo. Ática. 1977. p. 11.

1 - Nas linhas 4 e 5, o narrador afirma que o professor tinha "ombros contraídos".

Essa característica, fora do contexto em que está inserida, pode sugerir várias interpretações, como, por exemplo:

— que o professor era velhinho;
— que era frágil fisicamente;
— que era corcunda;
— que era acovardado e submisso às pressões sociais.

Mas, levando em conta o contexto, apenas uma dessas possibilidades contém uma interpretação adequada. Indique qual é essa possibilidade e, com outras passagens do texto, justifique a sua escolha.

2 - Há várias passagens do texto em que o narrador dá a entender que o professor era uma pessoa que tomava atitudes contrárias à sua vontade ou tinha características que não combinavam entre si.

Cite ao menos duas passagens do texto que comprovem essa afirmação.

3 - Segundo o texto, os sentimentos da aluna pelo professor eram ambí-guos, isto é, eram sentimentos que se contrariavam.

a) Cite algumas passagens em que se manifesta essa contradição.
b) Qual o motivo dessa ambigüidade?

4 - Na linha 12, o professor diz: "— Cale-se ou expulso a senhora da sala". Perante essa explosão, a aluna tem dupla reação. Procure explicar:

a) Por que se sentiu ferida?
b) Por que se sentiu triunfante?

5 - Nas linhas 18 e 19, a menina diz que amava o professor "com a cólera de quem *ainda* não foi covarde". Tente explicar o significado de *ainda* nesse contexto.

6 – Segundo o texto, em que consistia a covardia do professor?

7 - Como se sabe, todo texto revela a visão de mundo de quem o produziu. No caso desse texto, pode-se dizer que ele foi produzido para mostrar que:

(a) todo aluno nutre pelo professor um grande afeto e se irrita quando não é correspondido.
(b) todo professor se dedica à tarefa de ensinar com extremo cuidado e prazer.
(c) professor não tinha mais condições físicas para executar seu trabalho.
(d) a relação professor e aluno é sempre tensa e contraditória.
(e) as condições da vida prática e a necessidade de seguir regras e normas podem levar o homem a reprimir suas emoções.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Como se viu, num texto, todas as partes são solidárias, isto é, o significado de uma interfere no das outras. Se isso é verdade, quando um texto é bem construído, não se podem trocar suas partes sem que se altere o texto todo.

Suponha então a hipótese de que o texto de Clarice Lispector, no primeiro parágrafo (linhas de 1 a 3), começasse assim:

Antes de vir para a nossa escola, ele era campeão mundial de judô. Aos 28 anos, no auge da fama, abandonou as competições e veio prazerosamente ensinar no curso secundário: e não era apenas isso o que sabíamos dele.

Conforme você pode notar, não é mais possível manter o texto como está: da linha 4 até a linha 19, é preciso haver várias alterações para que o resto do texto acompanhe a modificação que se fez no primeiro parágrafo. Continue a história do modo como você quiser, respeitando uma única regra: que a sua história não entre em contradição com os dados colocados no novo parágrafo.

Para você ter uma ideia do que deve fazer, note que não tem mais sentido dizer que o professor era gordo e de ombros contraídos nem que precisava controlar sua impaciência, a não ser que algum novo dado venha a ocorrer após o que se disse no primeiro parágrafo.

POR QUE ESCREVER? COMO ESCREVER?

"Mas que ao escrever - que o nome real seja dado às coisas. Cada coisa é uma palavra. E quando não se a tem, inventa-se-a. Esse vosso Deus que nos mandou inventar.

Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz o conteúdo."

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

O livro de Clarice Lispector A hora da estrela foi adaptado para o cinema em 1985.

Você já tinha parado para pensar na relação mundo-palavra, palavra-mundo? Para o narrador de A hora da estrela, cada coisa é uma palavra, é como se não pudéssemos imaginar um mundo sem nome, um mundo a que não possamos nos referir. A língua permite que nos expressemos em relação a esse mundo que nomeamos com seu código. E escrever é fazer uso de uma linguagem, é retratar e/ou reconstruir o mundo ao nosso redor, com suas coisas, ideias, emoções (conteúdo), por meio de palavras (forma).

ESCREVER... POR QUÊ?

Como matéria para uma rápida reflexão, reproduzimos abaixo um fragmento de crônica do escritor uruguaio Eduardo Galeano:

Nas longas noites de insônia e nos dias de desânimo, aparece uma mosca que fica zumbindo dentro da cabeça da gente: "Vale a pena escrever? Será que as palavras sobreviverão em meio aos adeuses e aos crimes?"

GALEANO, Eduardo. Vozes e crônicas. São Paulo: Global, 1978.

E então... vale a pena escrever? As palavras sobreviverão? Vamos tentar responder a essas duas interrogações lançadas pelo escritor, além de procurar esclarecer mais algumas questões que ficam zumbindo na cabeça da maioria dos estudantes em meio às aulas de produção de texto:

- Por que escrever?
- Fazer uma boa redação é escrever "certinho", sem cometer erros de gramática?
- Escrevo apenas para cumprir uma burocracia escolar?
- Faz sentido ter sempre um único interlocutor?

O OBJETIVO PRIMEIRO DA MODALIDADE ESCRITA: A INTERAÇÃO

Bem, acreditamos que ninguém melhor que um escritor para nos transmitir conhecimentos sobre o ato de escrever. Isso não significa que as ideias defendidas por ele correspondam a uma verdade absoluta; trata-se, na verdade, do depoimento de alguém que já vivenciou o problema e que pode nos comunicar suas experiências para que também nós realizemos um trabalho de reflexão.

Para algumas das interrogações acima, Eduardo Galeano nos fornece material de reflexão, ao afirmar que:

As pessoas escrevem a partir de uma necessidade de comunicação e de comunhão com os outros, para denunciar aquilo que machuca e compartilhar o que traz alegria. As pessoas escrevem contra sua própria solidão e a solidão dos demais porque supõem que a literatura transmite conhecimentos, age sobre a linguagem e a conduta de quem a recebe, e nos ajuda a nos conhecer melhor, para nos salvar juntos.

O QUE ESCREVER? COMO ESCREVER?

Estamos, agora, diante de duas questões básicas e práticas. No fundo, é o velho problema de Ensino Médio conteúdo e forma, de ideia e palavra, de comunicação e expressão. Como ponto de partida, reproduzimos uma afirmação do professor Mattoso Câmara Jr.:

Ninguém é capaz de escrever bem, se não sabe bem o que vai escrever.

O ato de escrever deve ser entendido como a etapa final de um longo processo de reflexão. Uma constatação óbvia: escrever é colocar uma ideia no papel; portanto, o primeiro passo é ter uma ideia. Mas para ter ideias, é preciso ler, ler e ler. Mas não basta ler e fechar o livro, dizer que leu. O mais importante é a leitura ativa (ou interativa), que leva à reflexão. O leitor deve atuar sobre o livro e, ao mesmo tempo, deve ser permeável à leitura. Ao ler um poema, um romance, um artigo de jornal ou qualquer outro tipo de texto, deparamos a leitura de mundo de quem o escreveu. Portanto, ler muito é acumular várias experiências, várias vivências. Só assim conseguimos formar a nossa própria leitura de mundo. E o mestre Paulo Freire já ensinava:

... a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Assim, podemos dizer que a leitura é fundamental para a produção de textos porque nos permite o contato com uma variedade de conteúdos (culturas, áreas de conhecimento, informações em geral).
Uma vez ultrapassada a primeira fase do processo - ter ideias -, a questão que se coloca é como colocar essas ideias no papel, como encontrar a melhor forma de expressá-las. Os problemas vão desde o domínio do vocabulário, passando por um razoável conhecimento de ortografia, pontuação, concordância e de outros requisitos gramaticais, para finalmente desembocar em algo muito pessoal, o estilo. Tudo isso sem perder de vista os elementos do processo de interação (especialmente quem é o interlocutor), a intencionalidade e a adequação.

Então, mais uma vez entram em jogo os conhecimentos adquiridos pela leitura, desta vez os conhecimentos de forma: variedade de gêneros textuais e variedade de registros e modalidades da língua.

PROBLEMAS DE REDAÇÃO

...os problemas da redação se dividem primariamente em dois grupos: os essenciais e os secundários. Os problemas essenciais são dois:

a) a composição, isto é, o plano de redação;
b) a técnica de uma formulação verbal que dispense os elementos extralinguísticos e os elocucionais, só participantes da exposição oral.

Os problemas secundários são os que surgem dos caracteres estéticos da língua escrita. São mais fáceis para um ensino partido do professor, ou de um livro didático, por assim dizer - de fora para dentro. Mas dependem da solução dos problemas essenciais. Nenhum professor e nenhuma gramática conseguirão fazer escrever esteticamente bem a uma pessoa que ainda não sabe pensar em termos de língua escrita.

É uma espécie de escapismo, muito comum no ensino de redação, fixarem-se o professor e os alunos nos problemas secundários. Absurdamente, há até os que quase só se preocupam com a ortografia das palavras.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Manual de expressão oral e escrita.
Petrópolis: Vozes, 2004.

Trocando ideias

Leia com atenção o texto abaixo e discuta com os colegas:

O SENHOR COMETEU UMA FALHA NO DISCURSO.
QUAL FOI?
DISSE QUE IA COLOCAR UM FRANGO EM CADA PANELA DO REINO.
E DAÍ?
NINGUÉM MAIS NO REINO TEM PANELAS.
PARKER

O feiticeiro, de Parker. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 jan. 1997.

a) Em que consiste o humor da tirinha?
b) De que ordem foi a "falha" no discurso do rei?
c) Embora sem problemas gramaticais, você acha que o discurso do rei foi bem recebido por seus interlocutores (seus súditos)? Por quê?

O gigolô das palavras

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabelava diariamente com as suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa ("Culpa da revisão! Culpa da revisão!"). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer "escrever claro" não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, comover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o Português morra para poderem carregar o caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

Claro que eu não disse tudo isso para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas - isto eu disse -vejam vocês, a intimidade com a Gramática é tão dispensável

que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo à sua custa. E tenho com elas a exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-a, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenho também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantei. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A Gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. In: LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade.
São Paulo: Ática, 2002.

1 - Em seu livro Manual de expressão oral e escrita, o professor Mattoso Câmara Jr. faz a seguinte reflexão:

A língua apresenta sempre uma diferenciação de acordo com as camadas sociais que a usam. De maneira geral, pode-se distinguir a esse respeito:

a) uma língua popular, própria das massas mais ou menos iletradas;
b) uma língua culta, que é um meio-termo entre o uso espontâneo da linguagem de todos os dias nas classes instruídas da sociedade e a língua que se encontra consignada nos grandes monumentos literários.

A língua popular quase não reage contra o fator individual de mudança desde que essa mudança não prejudique propriamente a inteligibilidade. A língua culta, ao contrário, cria um ideal estético, e aí se manifesta um afã incessante para conservar inalterada a norma estabelecida.

Retire do segundo parágrafo do texto de Veríssimo passagens que comprovem:

a) que a língua popular não reage contra mudanças (ou desvios, ou erros) desde que essa mudança não prejudique a inteligibilidade;

b) que a língua culta procura conservar inalterada a norma estabelecida.

2 - Agora, um desafio: explique por que "não é certo" dizer "escrever claro".

A PRODUÇÃO DE TEXTOS E A GRAMÁTICA

Quanto a se considerar uma boa redação aquela que não apresenta erros de gramática, retomemos alguns trechos da crônica "O Gigolô de palavras", de Luis Fernando Verissimo:

[...] a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e deve ser julgada exclusivamente como tal

Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo.

Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis.

Comentando os trechos acima, o professor Celso Luft assim se manifesta:

Sim; muitas regras, regras demais, perfeitamente dispensáveis.

Por exemplo: regras de colocação lusitana de pronomes no Brasil, regências obsoletas, todas as miudezas normativas de um purismo rançoso.

Dispensáveis todas as regras que não contribuem para a eficiência comunicativa, as que embaraçam e atravancam a comunicação, que dão ao aluno a ideia de que aula de português "é uma chateação", não serve para nada. Todas as regras inúteis e retrógradas deveriam ser eliminadas, proibidas.

Opa! Antes de sair por aí, aos pulos, comemorando a morte da Gramática, lembre-se daquele velho ditado: "Devagar com o andor que o santo é de barro". Observe que o professor Celso Luft fala em regras lusitanas, obsoletas, purismos. Deveriam ser eliminadas as regras inúteis e retrógradas; elas e apenas elas. Luft não fala em eliminar todas as regras.

Uma coisa tem de ser colocada claramente: sem gramática não há texto; sem gramática não organizamos o nosso pensamento. O próprio Luis Fernando Verissimo afirma que "a Gramática é o esqueleto da língua"; um texto sem esqueleto desmorona, transforma-se em um monte de palavras que não estabelecem relações entre si.

Repare que Verissimo se diz um gigolô das palavras e declara sua "pouca intimidade com a Gramática" e sua "total inocência na matéria", mas elabora uma fina ironia ao empregar um adjetivo com função de advérbio e explicitar esse "desvio" ao leitor. Como se nos dissesse: eu falo mal da gramática, digo que é desnecessária, mas eu conheço a gramática, e caminho pelos desvios conscientemente.

Para terminar, uma perguntinha com resposta óbvia: pode alguém que fala bem e escreve bem em língua portuguesa ser "péssimo em Português"?

TROCANDO IDEIAS

Discuta com os colegas e o Professor a afirmação abaixo:

"Sem Gramática não há texto; sem Gramática não organizamos o nosso pensamento."

Formulem exemplos práticos que a sustentem.

TEXTO ESCRITO É SINÔNIMO DE TEXTO "CERTINHO"?

Tanto na elaboração de um texto oral como na elaboração de um texto escrito, algo muito importante tem de ser considerado: a adequação.

Embora o texto escrito apresente características que o distingam do texto oral, como a possibilidade de "maior planejamento", nem todo texto escrito tem de ser um texto "certinho". As marcas de formalidade num texto escrito estarão condicionadas a várias circunstâncias: sobre o que se vai falar (assunto), o meio utilizado (suporte), o contexto (ambiente espaço-temporal), o nível social e cultural de quem escreve e, importantíssimo, para quem se escreve (interlocutor).

Portanto, a informalidade (tanto quanto a formalidade) pode se fazer presente no texto escrito sempre que for adequada. Exemplos:

- um bilhete (gênero textual da modalidade escrita) para um colega de sala, avisando a mudança de horário de uma aula, não exige alto grau de formalidade; ao contrário, uma construção marcada por um padrão culto extremo ficaria inadequada à situação;
- um *e-mail* da direção da escola (gênero textual da modalidade escrita) para os pais dos alunos, avisando que haverá alteração no horário das aulas, exige um certo grau de formalidade; uma construção marcada pela coloquialidade extrema ficaria inadequada à situação.

Como comecei a escrever

Aí por volta de 1910 não havia rádio nem televisão, e o cinema chegava ao interior do Brasil uma vez por semana, aos domingos. As notícias do mundo vinham pelo jornal, três dias depois de publicadas no Rio de Janeiro. Se chovia a potes, a mala do correio aparecia ensopada, uns sete Mas mais tarde. Não dava para ler o papel transformado em mingau.

Papai era assinante da Gazeta de Notícias, e antes de aprender a ler eu me sentia fascinado pelas gravuras coloridas do suplemento de domingo. Tentava decifrar o mistério das letras em redor das figuras, e mamãe me ajudava nisso. Quando fui para a escola pública, já tinha a noção vaga de um universo de palavras que era preciso conquistar.

Durante o curso, minhas professoras costumavam passar exercícios de redação. Cada um de nós tinha de escrever uma carta, narrar um passeio, coisas assim. Criei gosto por esse dever, que me permitia aplicar para determinado fim o conhecimento que ia adquirindo do poder de expressão contido nos sinais reunidos em palavras.

Daí por diante as experiências foram-se acumulando, sem que eu percebesse que estava descobrindo a literatura. Alguns elogios da professora me animavam a continuar. Ninguém falava em conto ou poesia, mas a semente dessas coisas estava germinando. Meu irmão, estudante na Capital, mandava-me revistas e livros, e me habituei a viver entre eles. Depois, já rapaz, tive a sorte de conhecer outros rapazes que também gostavam de ler e escrever.

Então, começou uma fase muito boa de troca de experiências e impressões. Na mesa do café-sentado (pois tomava-se café sentado nos bares, e podia-se conversar horas e horas sem incomodar nem ser incomodado) eu tirava do bolso o que escrevera durante o dia, e meus colegas criticavam. Eles também sacavam seus escritos, e eu tomava parte nos comentários. Tudo com naturalidade e franqueza. Aprendi muito com os amigos, e tenho pena dos jovens de hoje que não desfrutam desse tipo de amizade crítica.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa e prosa. Rio de faneiro: Nova Aguilar, 1973.

3 - A que gênero você relacionaria o texto de Drummond?

4 - Na produção de um texto podemos (e devemos) lançar mão de alguns elementos linguísticos que organizam, ordenam o que vai sendo dito. Nesse texto, Drummond explora elementos que ordenam a passagem temporal. Destaque-os.

5 - O narrador trabalha a questão espacial de forma gradativa. Como isso se dá?

6 - Qual é o significado de "chovia a potes"? Pense no tipo de relação que se estabelece entre as palavras dessa expressão e responda: qual é a classe gramatical da locução "a potes"?

7 - Qual foi a importância do jornal no processo de formação do leitor e produtor de textos Carlos Drummond de Andrade?

8 - Para o narrador, o que representavam os exercícios de redação na escola?

9 - A "fórmula mágica" apresentada por Drummond seria viável em nossos dias ou pertence a uma realidade já ultrapassada? Escreva um pequeno texto justificando seu ponto de vista.

PRATICANDO

(Vunesp) Instrução: As questões de números 1 a 5 tomam por base o seguinte fragmento de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro (1941-):

Motivos para pânico

Como sabemos, existem muitas frases comumente repetidas a cujo uso nos acostumamos tanto que nem observamos nelas patentes absurdos ou disparates. Das mais escutadas nos noticiários, nos últimos dias, têm sido "não há razão para pânico" e "não há motivo para pânico", ambas aludindo à famosa gripe

suína de que tanto se fala. Todo mundo as ouve e creio que a maioria concorda sem pensar e sem notar que se trata de assertivas tão asnáticas quanto, por exemplo, a antiga exigência de que postulante a certos benefícios públicos estivesse "vivo e sadio", como se um defunto pudesse estar sadio. Ou a que apareceu num comercial c\a Petrobras em homenagem aos seus trabalhadores, que não sei se ainda está sendo veiculado. Nele, os trabalhadores "encaram de frente" grandes desafios, como se alguém pudesse encarar alguma coisa senão de frente mesmo, a não ser que o cruel destino lhe haja posto a cara no traseiro.

Em rigor, as frases não se equivalem e é necessário examiná-las separadamente, se se desejar enxergar as insanidades que formulam. No primeiro caso, pois o pânico é uma reação irracional, comete-se uma contradição em termos mais que óbvia. Ninguém pode ter ou deixar de ter razão para pânico, porque não é possível haver razão em algo que por definição requer ausência de razão. Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a "água é um líquido" ou "a comida vai para o estômago". Se as palavras pudessem protestar, certamente Pânico escreveria para as redações, perguntando ofendidíssimo desde quando ele precisa de razão. Nunca há uma razão para o pânico.

A segunda frase nega uma verdade evidente. É também mais do que claro que não existe pânico sem motivo, ou seja, o freguês entra em pânico porque algo o motivou, independentemente de sua vontade, a entrar na desagradabilíssima sensação de pânico. Ninguém, que eu saiba, olha assim para a mulher e diz "mulher, acho que vou entrar em pânico hoje à tarde" e, quando a mulher pergunta por que, diz que é "para quebrar a monotonia".

RIBEIRO, João Ubaldo. Motivos para pânico. O Estado de S. Paulo, 17 maio 2009.

1 - Como é característico da crônica jornalística, João Ubaldo Ribeiro focaliza assuntos do cotidiano com muito bom humor, mesclando a seu discurso palavras e expressões coloquiais. Um exemplo é **asnáticas**, que aparece em "assertivas tão asnáticas quanto", e outro, o substantivo **freguês**, empregado em "o freguês entra em pânico".

Caso o objetivo do autor nessas passagens deixasse de ser jocoso e se tornasse mais formal, as palavras adequadas para substituir, respectivamente, asnáticas e freguês seriam:

a) Estúpidas, panaca.
b) Asininas, bestalhão.
c) Intrigantes, sujeito.
d) Estranhas, cara.
e) Disparatadas, indivíduo.

2 - Embora o autor afirme, no fragmento citado, que os significados de razão e motivo são diferentes nas frases mencionadas, há numerosos contextos em que essas duas palavras podem ser indiferentemente utilizadas, sem alteração relevante do significado das frases. Baseado nesse comentário, assinale a única alternativa em que a palavra **motivo** não pode substituir a palavra **razão**, já que nesse caso haveria uma grande mudança do sentido.

a) Qual a razão de tamanha mudança?
b) Ele perdeu a razão ao sentir aquele amor tão forte.
c) A razão de sua renúncia foi a chegada de seu irmão.
d) Ninguém descobriu a razão de sua morte.
e) Que razões alegou para o pedido de divórcio?

3- O autor escreve, no penúltimo período do segundo parágrafo, a palavra **Pânico** com inicial maiúscula. O emprego da inicial maiúscula, neste caso, se deve:

a) ao fato de, por sinédoque, o cronista querer ressaltar a diferença entre a parte e o todo.
b) à necessidade de enfatizar que há diferenças entre diversos tipos de pânico.
c) ao emprego da palavra com base no recurso da personificação ou prosopopeia.
d) à necessidade de diferençar os significados de "razão" e "motivo".
e) para alertar sobre o grande perigo que representaria o pânico sem motivo.

4-

Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a "água é um líquido" ou "a comida vai para o estômago".

Nesse período, no tom bem-humorado que o autor imprime à crônica, a palavra **novidade** assume um sentido contrário ao que apresenta normalmente. Essa alteração de sentido, em função de um contexto habilmente construído pelo cronista, caracteriza o recurso estilístico denominado:

a) ironia.
b) reticência.
c) eufemismo.
d) antítese.
e) hipérbole.

5 - Para o narrador, não notamos os verdadeiros absurdos em asserções como as que ele comenta, porque:

a) não temos hábito de leitura e interpretação de textos.
b) não nos sentimos capazes de negar verdades evidentes.
c) quase todas as frases assertivas do idioma são "asnáticas".
d) costumamos ouvi-las tantas vezes, que nem notamos tais absurdos.
e) essas frases aparecem em propagandas oficiais.

(PUC-PR) Texto para as questões 6 e 7.

UE reabre parcialmente importação de frango da China

Ao mesmo tempo em que retarda qualquer decisão que possibilite aos EUA retomar suas exportações de carne de frango para o bloco (o argumento é o de que os norte-americanos desinfetam suas carcaças com cloro), a União Europeia reabre - embora parcialmente - suas portas à carne de frango de origem chinesa.

A reabertura atenua um embargo de ordem sanitária mantido sobre todos os produtos da avicultura chinesa há quatro anos e que foi declarado logo após a China ter anunciado, oficialmente, os primeiros casos de Influenza Aviaria no país.

A atenuação do embargo não envolve carnes avícolas e ovos in natura, *apenas produtos tratados a uma temperatura mínima de 70 "C, considerada suficiente para inativar algum vírus da Influenza Aviaria eventualmente presente no produto. Além disso, está restrito apenas à província de Shandong e, assim, exclui outras 29 províncias chinesas, sobre as quais prevalece o embargo total. Ainda que duplamente parcial, essa reabertura não deve ser menosprezada - avaliam analistas europeus.*

Primeiro, porque a província de Shandong é a principal região avícola chinesa, tendo sido responsável (2006) por 10% de toda a carne de frango produzida pela China. Segundo, porque imediatamente após os primeiros embargos as empresas locais passaram a investir com ênfase no pós-processamento (frango cozido) e hoje têm uma capacidade de atendimento bem maior que há quatro ou cinco anos. E isso, completam, deve acelerar o ritmo de expansão das exportações chinesas.

Redação Avisite. Disponível em: <www.agrolink.com.br/gripeaviaria/ NoticiaDetalhe.aspx?codNoticia=74605. Acesso em: 30 mar. 2010.

6 - Assinale a alternativa que **NÃO** apresenta uma informação interpretável a partir da leitura do texto.

a) Ainda persiste o embargo da União Europeia aos produtos avícolas chineses, embora seja parcial.
b) Segundo o autor, o embargo é duplamente parcial porque só foi liberado o comércio com a província de Shandong e porque as empresas locais passaram a investir no pós-processamento (frango cozido).
c) Apesar do interesse dos Estados Unidos em retomar as exportações de frango para a Europa, essa decisão foi postergada pela União Europeia.
d) O motivo do embargo de ordem sanitária aos produtos da avicultura chinesa foi a gripe aviaria, confirmada oficialmente no país.

e) Entre as 30 províncias chinesas responsáveis pela produção avícola do país, apenas a de Shandong não sofre a restrição do embargo total.

7 - Quanto ao emprego do vocabulário e sua significação no contexto, assinale a alternativa INCORRETA.

a) "A reabertura atenua um embargo de ordem sanitária...". Nesse contexto, o verbo "atenuar" equivale a abrandar, amenizar.
b) A expressão in natura é utilizada para descrever os alimentos de origem vegetal ou animal que são consumidos em seu estado natural, como as frutas, por exemplo.
c) A palavra parcial, empregada no texto (35 parágrafo), significa que se realiza por partes, ou seja, favorável a uma das partes envolvidas.
d) A expressão "há quatro anos" é utilizada para indicar tempo transcorrido, mas em outros contextos pode também significar tempo futuro.
e) O anúncio da China sobre os primeiros casos de Influenza Aviaria no país, por ser oficial, equivale a um documento ou ordem legal, relativo ao alto funcionalismo público, que certifica e valida a informação apresentada.

Para aprimorar

1 - (FGV-SP)

Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de mil sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então venha para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.

Texto de anúncio publicitário, editado.

No contexto em que se encontra, a pergunta - "Quer ser o próximo?" - mostra-se ambígua.

a) Explique por quê.

b) Mostre como desfazer a ambiguidade, reescrevendo a pergunta.

(Fuvest-SP) Leia o seguinte texto:

Verão excessivo

Eu sei que uma andorinha não faz verão, filosofou a andorinha-de-barriga-branca.
Está certo, mas agora nós somos tantas, no beirai, que faz um calor terrível, e eu não aguento mais!

ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos plausíveis.

a) Com base na queixa da andorinha-de-barriga-branca, reformule o provérbio "Uma andorinha não faz verão".

b) Está adequado o emprego do verbo "filosofou", tendo em vista que ele se refere ao provérbio citado no texto? Justifique sucintamente sua resposta.

3 - (Fuvest-SP)

Costuma-se exaltar a cabeça como fonte da razão e denunciar o coração como sede da insensatez, como músculo incapaz de ter autocrítica e de ser original. Que seja assim. E daí? Nada pior do que uma

ideia feita, mas nada melhor do que um sentimento usado. A cabeça pode gostar de novidade, mas o coração adora repetir o já provado. Se as ideias vivem da originalidade, os sentimentos gostam da redundância. Não é por acaso que o prazer procura repetição.

VENTURA, Zuenir. Crônicas de fim de século.

a) Substitua a expressão "Que seja assim" por outra de sentido equivalente, tendo em vista o contexto.

b) Explique por que o autor considera que tanto a **novidade** quanto a **redundância** podem ser desejáveis.

(ITA-SP) As questões de 4 a 11 referem-se ao texto seguinte:

Vou direto ao ponto: estive em Paris. Está dito e precisava ser dito, logo verão por quê. Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou de exibicionismo, ao dizer isso. Culpa da nossa velha francofilia (já um tanto fora de moda). Ou do complexo de eternos colonizados diante dos países de primeiro mundo.

Alguns significantes, como Nova Iorque ou Paris, produzem fascínio instantâneo. Se eu disser "fui a Paris", o interlocutor responderá sempre: "que luxo!". E se contar: "fui assaltada em Paris", ou "fui atropelada em Paris", é bem provável que escute: "mas que luxo, ser assaltada (atropelada) em Paris!"

O pior é que é verdade. É um verdadeiro luxo, Paris. Não por causa do Louvre, da Place Vêndome ou dos Champs Élisées. Nem pelas mercadorias todas, lindas, chiques, caras, que nem penso em trazer para casa. Meu luxo é andar nas ruas, a qualquer hora da noite ou do dia, sozinha ou acompanhada, a pé, de ônibus ou de metrô (nunca de táxi) e não sentir medo de nada. Melhor: de ninguém. Meu luxo é enfrentar sem medo o corpo a corpo com a cidade, com a multidão.

O artigo de luxo que eu traria de Paris para a vida no Brasil, se eu pudesse – artigo que não se globalizou, ao contrário, a cada dia fica mais raro e caro – seria este. O luxo de viver sem medo. Sem medo de quê? De doenças? Da velhice? Da morte, da solidão? Não, esses medos fazem parte da condição humana. Pertencemos a esta espécie desnaturada, a única que sabe de antemão que o coroamento da vida consiste na decadência física, na perda progressiva dos companheiros de geração e, para coroar tudo, na morte. Do medo desse previsível grand finale *não se escapa.*

O luxo de viver sem medo a que me refiro é bem outro. O de circular na cidade sem temer o semelhante, sem que o fantasma de um encontro violento esteja sempre presente. Não escrevi "viver numa sociedade sem violência", já que a violência é parte integrante da vida social. Basta que a expectativa da violência não predomine sobre todas as outras. Que a preocupação com a "segurança" (que no Brasil de hoje se traduz nas mais variadas formas de isolamento) não seja o critério principal para definir a qualidade da vida urbana. Não vale dizer que fora do socialismo este problema não tem solução. Há mais conformismo do que parece em apostar todas as fichas da política na utopia.

Enquanto a sociedade ideal não vem, estaremos condenados a viver tão mal como vivemos todos por aqui? Temos que nos conformar com a sociabilidade do medo? Mas eu conheço, eu vivi numa cidade diferente desta em que vivo hoje. Esta cidade era São Paulo. Já fiz longas caminhadas a pé pelo centro, de madrugada. Namorando, conversando com amigos, pelo prazer despreocupado da flânerie[1]. *A passagem do ano de 1981 para 82 está viva na minha lembrança. Uma amiga pernambucana quis conhecer a "esquina de Sampa". Fomos, num grupo de quatro pessoas, até a Ipiranga com a São João. Dali nos empolgamos e seguimos pelo centro velho.*

Mendigos na rua não causavam medo. Do Paysandu (o Ponto Chic estava aberto, claro!) seguimos pelo Arouche, República, São Luís, Municipal, Patriarca, Sé; o dia primeiro nasceu no Largo São Bento.

Não escrevo movida pelo saudosismo, mas pela esperança. Isso faz tão pouco tempo! Sei lá como os franceses conseguiram preservar seu raro luxo urbano. Talvez o valor do espaço público, entre eles, não tenha sido superado pelo dos privilégios privados. Talvez a lei se proponha, de fato, a valer para todos.

Pode ser que a justiça funcione melhor. E que a sociedade não abra mão da aposta nos direitos. Pode ser que a violência necessária se exerça, prioritariamente, no campo da política, e não da criminalidade. Se for assim, acabo de mudar de ideia. Viver sem medo não é, não pode ser um luxo. É básico; é o grau zero da vida em sociedade. Viver com medo é que é uma grande humilhação.

KEHL, Maria Rita. *Você tem medo de quê?* Disponível em: <www.mariaritakehl.psc.br>. Acesso em: 17 fev. 2010. Texto adaptado.

[1] **flânerie** ***(substantivo feminino)****: passeio sem destino.*

4 - Considere as afirmações a seguir:

I. Para a autora, o luxo de Paris não se restringe somente ao aspecto físico da cidade.
II. A autora mostra algumas diferenças entre viver em Paris e em uma cidade brasileira como São Paulo.
III. A autora, tomada pela francofilia, quer mostrar, ao longo do texto, o luxo urbano raro de Paris.

De acordo com o texto, está(ão) CORRETA(S)

a) apenas a I.
b) apenas I e II.
c) apenas I e III.
d) apenas a II.
e) apenas a III.

5 - Da leitura do texto, NÃO se pode inferir que:

a) os brasileiros entendem segurança como forma de isolamento.
b) a cidade de Paris é desprovida de violência.
c) em Paris, podem-se usar meios de transporte coletivos a qualquer hora do dia e da noite, sem medo da violência.
d) a globalização proporcionou a importação de bens luxuosos da França, mas não a consciência de coletividade da nação francesa.
e) a ação de andar livremente pelas ruas de Paris não é acompanhada pela expectativa da violência.

6 - Assinale a opção em que o uso do sinal de pontuação NÃO se justifica pelo mesmo motivo nas duas ocorrências.

a) Parênteses em: (já um tanto fora de moda) (linhas 4 e 5); (que no Brasil de hoje se traduz nas mais variadas formas de isolamento) (linhas 41 e 42).
b) Aspas em: "fui a Paris" (linhas 8 e 9); "viver numa sociedade sem violência" (linhas 37 e 38).
c) Interrogação em: Sem medo de quê? (linha 26); Temos que nos conformar com a sociabilidade do medo? (linhas 49 e 50).
d) Exclamação em: (o Ponto Chie estava aberto, claro!) (linha 61); Isso faz tão pouco tempo! (linha 65).
e) Vírgula em: É um verdadeiro luxo, Paris, (linhas 13 e 14); Não, esses medos fazem parte da condição humana, (linhas 27 e 28).

7 - O destaque para o luxo urbano de Paris é dado principalmente porque a cidade

a) proporciona segurança aos que andam pelas ruas.
b) pertence a um país de primeiro mundo.
c) é globalizada, com baixo índice de mortalidade.
d) apresenta passado socialista, sem política utópica e conformista.
e) limita a violência ao campo da política.

8 - Da leitura do texto, pode-se inferir que:

a) os medos inerentes à condição humana – provocados pela consciência da velhice, morte, solidão e das perdas - são tão humilhantes quanto o medo da violência.
b) a autora apresenta duas cidades de São Paulo, diferentes não no aspecto geográfico, mas no aspecto social, considerando o eixo do tempo.
c) a autora mostra-se incoerente, quando diz, em momentos distintos do texto, que viver sem medo da violência é e não é um luxo.
d) quando a autora diz que não anda de táxi em Paris, ela sugere que não usa esse meio de transporte por motivos econômicos.
e) a autora sugere que, mesmo fora da utopia, é possível a existência de uma sociedade sem violência, onde inexista o medo urbano.

9 - Considere as afirmações abaixo.

I. Em São Paulo, até pouco tempo, era possível preservar o luxo urbano de não se preocupar com a violência nas ruas.
II. No Brasil, geralmente, as pessoas superestimam os produtos de países desenvolvidos e subestimam produtos nacionais.
III. Diferentemente da França, no Brasil, segurança está prioritariamente relacionada ao isolamento urbano.

Está(ão) correta(s)

a) apenas a l.
b) apenas lê II.
c) apenas l e III.
d) apenas a II.
e) apenas lie III.

10 - "Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou de exibicionismo, ao dizer isso." (linhas 2, 3 e 4) Com o pronome **isso** a autora refere-se:

a) à sua estada em Paris.
b) à necessidade de ter estado em Paris.
c) ao pedantismo ou exibicionismo de dizer que esteve em Paris.
d) à francofilia que justifica dizer que esteve em Paris.
e) ao complexo brasileiro de eterno colonizado.

11- Assinale a opção que apresenta os significados corretos para os termos numerados:

I. Pertencemos a esta espécie desnaturada, a única que sabe de antemão [1] que o coroamento[2] da vida consiste na decadência física, na perda progressiva dos companheiros de geração e, para coroar tudo, na morte, (linhas 28 a 32)
II. Pode ser que a violência necessária se exerça, prioritariamente[3], no campo da política, e não da criminalidade, (linhas 71 a 73)

a) [1] previamente [2] encerramento [3] precipuamente
b) [1] precipuamente [2] auge [3] principalmente
c) [1] antecipadamente [2] auge [3] permanentemente
d) [1] precipuamente [2] encerramento [3] principalmente
e) [1] antecipadamente [2] esplendor [3] permanentemente

A DIFERENÇA ENTRE DESCRIÇÃO, NARRAÇÃO E DISSERTAÇÃO

Tipos de redação ou composição

Tudo o que se escreve recebe o nome genérico de redação (ou composição). Existem três tipos de redação: **descrição, narração** e **dissertação**. E importante que você consiga perceber a diferença entre elas. Leia, primeiramente, as seguintes definições:

DESCRIÇÃO
É o tipo de redação na qual se apontam as características que compõem um determinado objeto, pessoa, ambiente ou paisagem.

NARRAÇÃO
É a modalidade de redação na qual contamos um ou mais fatos que ocorreram em determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens.

DISSERTAÇÃO
E o tipo de composição na qual expomos ideias gerais, seguidas da apresentação de argumentos que as comprovem.

Veja agora três exemplos dessas modalidades:

Descrição

Sua estatura era alta e seu corpo, esbelto. A pele morena refletia o sol dos trópicos. Os olhos negros e amendoados espalhavam a luz interior de sua alegria de viver e jovialidade. Os traços bem desenhados compunham uma fisionomia calma, que mais parecia uma pintura.

Narração

Em uma noite chuvosa do mês de agosto, Paulo e o irmão caminhavam pela rua mal-iluminada que conduzia à sua residência. Subitamente foram abordados por um homem estranho. Pararam, atemorizados, e tentaram saber o que o homem queria, receosos de que se tratasse de um assalto. Era, entretanto, somente um bêbado que tentava encontrar, com dificuldade, o caminho de sua casa.

Dissertação

Tem havido muitos debates sobre a eficiência do sistema educacional brasileiro. Argumentam alguns que ele deve ter por objetivo despertar no estudante a capacidade de absorver informações dos mais diferentes tipos e relacioná-las com a realidade circundante. Um sistema de ensino voltado para a compreensão dos problemas socioeconômicos e que despertasse no aluno a curiosidade científica seria por demais desejável.

Assim sendo, podemos elaborar o seguinte quadro:

REDAÇÃO OU COMPOSIÇÃO	{	DESCRIÇÃO NARRAÇÃO DISSERTAÇÃO

Como você pode perceber, não há como confundir estes três tipos de redação. Enquanto a descrição aponta os elementos que caracterizam os seres, objetos, ambientes e paisagens, a narração implica uma ideia de ação, movimento empreendido pelos personagens da história. Já a dissertação assume um caráter totalmente diferenciado, na medida em que não fala de pessoas ou fatos específicos, mas analisa certos assuntos que são abordados de modo impessoal.

Vamos agora treinar o reconhecimento dessas três modalidades de composição.

EXERCÍCIO

Numere os parágrafos a seguir, identificando o tipo de redação apresentado:

1) descrição 2) narração 3) dissertação

a) ( ) Acreditamos firmemente que só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si só, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

b) ( ) Nas proximidades deste pequeno vilarejo, existe uma chácara de beleza incalculável. Ao centro avista-se um lago de águas cristalinas. Através delas, vemos a dança rodopiante dos pequenos peixes. Em volta deste lago pairam, imponentes, árvores seculares que parecem testemunhas vivas de tantas histórias que se sucederam pelas gerações. A relva, brilhando ao sol, estende-se por todo aquele local, imprimindo à paisagem um clima de tranquilidade e aconchego.

c) ( ) As crianças sabiam que a presença daquele cachorro vira-lata em seu mento seria alvo da mais rigorosa censura de sua mãe. Não tinha qualquer cabimento: um apartamento tão pequeno que mal acolhia Álvaro, Alberto e além de seus pais, ainda tinha de dar abrigo a um cãozinho! Os meninos esconderam o animal em um armário próximo ao corredor e ficaram sentados na sala à espera dos acontecimentos. No fim da tarde a mãe chegou do trabalho, tardou em descobrir o intruso e a expulsá-lo, sob os olhares aflitos de seus filhos.

d) ( ) Joaquim trabalhava em um escritório que ficava no 12º andar de um edifício da Avenida Paulista. De lá avistava todos os dias a movimentação incessante de transeuntes, os frequentes congestionamentos dos automóveis e a beleza das arrojadas construções que se sucediam do outro lado da avenida. Estes prédios modernísimos alternavam-se com majestosas mansões antigas. O presente e o passado ali se combinavam e, contemplando aquelas mansões, podia-se, por alto, imaginar o que fora, nos tempos de outrora, a paisagem desta mesma avenida, hoje tão modificada pela ação do progresso.

e) ( ) Dizem as pessoas ligadas ao estudo da Ecologia que são incalculáveis os que o homem vem causando ao meio ambiente. O desmatamento de grandes extensões de terra, transformando-as em verdadeiras regiões desérticas, os efeitos nocivos da poluição e a matança indiscriminada de muitas espécies são apenas alguns dos aspectos a serem mencionados. Os que se preocupam com a sobrevivência e o bem-estar das futuras gerações temem que a ambição dos da do homem acabe por tornar esta terra inabitável.

f) ( ) O candidato à vaga de administrador entrou no escritório onde iria ser entrevistado. Ele se sentia inseguro, apesar de ter um bom currículo, mas sempre se sentia assim quando estava por ser testado. O dono da firma entrou, sentou-se com ar de extrema seriedade e começou a lhe fazer as perguntas mais var Aquele interrogatório parecia interminável. Porém, toda aquela sensação desagradável dissipou-se quando ele foi informado de que o lugar era seu.

A NARRAÇÃO

Tipos de narrador

Conforme definimos no capítulo anterior, narrar é contar um ou mais fatos que ocorreram com determinados personagens, em local e tempo definidos. Em outras palavras, é contar uma história, que pode ser real ou imaginária.

Quando você vai redigir uma história, a primeira decisão que deve tomar é se você vai ou não fazer parte da narrativa. Tanto é possível contar uma história que ocorreu com outras pessoas quanto narrar fatos acontecidos com você. Essa decisão determinará o tipo de narrador a ser utilizado em sua composição. Este pode ser, basicamente, de dois tipos:

1) Narrador em 1ª pessoa: é aquele que participa da ação, ou seja, que se inclui na narrativa. Trata-se do narrador-personagem.

Exemplo:

Estava andando pela rua quando de repente tropecei em um pacote embrulhado em jornais. Peguei-o vagarosamente, abri-o e vi, surpreso, que lá havia uma grande quantia em dinheiro.

2) Narrador em 3ª pessoa: é aquele que não participa da ação, ou seja, não se inclui na narrativa. Temos então o narrador-observador.

Exemplo:

João estava andando pela rua quando de repente tropeçou em um pacote embrulhado em jornais. Pegou-o vagarosamente, abriu-o e viu, surpreso, que lá havia uma grande quantia em dinheiro.

OBSERVAÇÃO:

Em textos que apresentam o narrador em 1ª pessoa, ele não precisa ser necessariamente o personagem principal; pode ser somente alguém que, estando no local dos acontecimentos, presenciou-os.

Exemplo:

Estava parado no ponto de ônibus, quando vi, a meu lado, um rapaz que caminhava lentamente pela rua. Ele tropeçou em um pacote embrulhado em jornais. Observei que ele o pegou com todo o cuidado, abriu-o e viu, surpreso, que lá havia uma grande quantia em dinheiro.

Elementos da narração

Depois de escolher o tipo de narrador que você vai utilizar, é necessário ainda conhecer os elementos básicos de qualquer narração.

Todo texto narrativo conta um FATO que se passa em determinado TEMPO e LUGAR. A narração só existe na medida em que há ação; esta ação é praticada pelos PERSONAGENS.

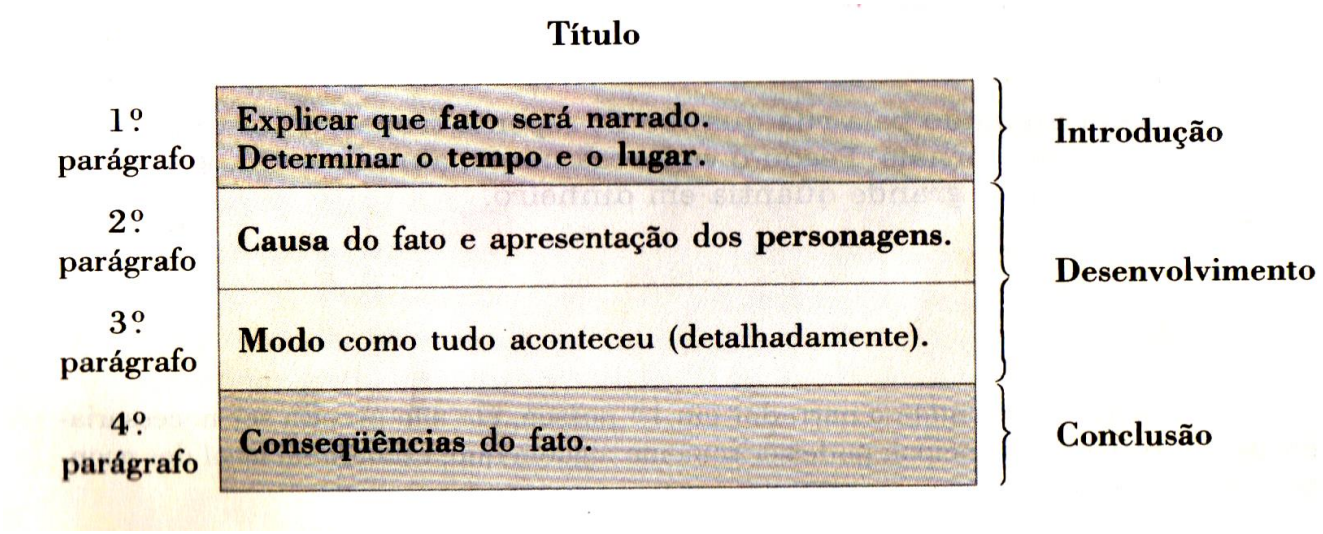
Um fato, em geral, acontece por uma determinada CAUSA e desenrola-se envolvendo certas circunstâncias que o caracterizam. É necessário, portanto, mencionar o MODO como tudo aconteceu detalhadamente, isto é, de que maneira o fato ocorreu. Um acontecimento pode provocar CONSEQUÊNCIAS, as quais devem ser observadas.

Assim, os elementos básicos do texto narrativo são:

1) FATO (o que se vai narrar);
2) TEMPO (quando o fato ocorreu);
3) LUGAR (onde o fato se deu);
4) PERSONAGENS (quem participou do ocorrido ou o observou);
5) CAUSA (motivo que determinou a ocorrência);
6) MODO (como se deu o fato);
7) CONSEQUÊNCIAS.

Uma vez conhecidos esses elementos, resta saber como organizá-los para elaborar uma narração. Dependendo do fato a ser narrado, há inúmeras formas de dispô-los. Todavia, apresentaremos um esquema de narração que pode ser utilizado para contar qualquer fato. Ele propõe-se a situar os

elementos da narração em diferentes parágrafos, de modo a orientá-lo sobre como organizar adequadamente sua composição.



OBSERVAÇÃO:

1. É bom lembrar que, embora o elemento **Personagem** tenha sido citado somente no 2º parágrafo (onde são apresentados com mais detalhes), eles aparecem no decorrer de toda a narração, uma vez que os desencadeadores da sequência narrativa.

2. O elemento Causa pode ou não existir em sua narração. Há fatos que decorrem de causa específica (por exemplo, um atropelamento pode ter como causa o descuidado de um pedestre ao atravessar a rua sem olhar). Existe, em contrapartida, número ilimitado de fatos dos quais não precisamos explicar as causas, por serem evidentes (por exemplo, uma viagem de férias, um assalto a banco, etc.).

3. Os três elementos mencionados na Introdução, ou seja, fato, tempo e lugar, precisam necessariamente aparecer nesta ordem. Podemos especificar, no início, o tempo e o local, para depois enunciar o fato que será narrado.

Utilizando esse recurso, você pode narrar qualquer fato, desde os incidentes que são noticiados nos jornais com o título de ocorrências policiais (assaltos, atropelamentos, sequestros, incêndios, colisões e outros) até fatos corriqueiros, como viagens de fé passeatas grevistas, festas de torcidas de futebol, comemorações de aniversário, brigas lombos e acontecimentos inesperados ou incomuns, bem como quaisquer outros.

É importante ressaltar que o esquema apresentado é apenas uma sugestão de como se pode organizar uma narração. Você tem inteira liberdade para basear-se nele não. Mostramos apenas uma das várias possibilidades existentes de se estruturarem textos narrativos. Caso deseje, poderá inverter a ordem de todos os elementos e fazer qualquer outra modificação que ache conveniente, sem prejuízo do entendimento do você quer transmitir. O fundamental é conseguir contar uma história de modo satisfatório.

A narração objetiva

Observe agora um exemplo de narração sobre um incêndio, criado com o auxílio do esquema estudado. Lembre-se de que, antes de começar a escrever, é preciso escolher o tipo de narrador. Optamos pelo narrador em 3ª pessoa.

O incêndio

Ocorreu um pequeno incêndio na noite de ontem, em um apartamento de propriedade do sr. Marcos da Fonseca.

No local habitavam o proprietário, sua esposa e seus dois filhos. Todos eles, na hora em que o fogo começou, tinham saído de casa e estavam jantando em um restaurante situado em frente ao edifício. A causa do incêndio foi um curto-circuito ocorrido no precário sistema elétrico do velho apartamento.

O fogo despontou em um dos quartos que, por sorte, ficava na frente do prédio. O porteiro do restaurante, conhecido da família, avistou-o e imediatamente foi chamar o sr. Marcos. Ele, mais que depressa, ligou para o Corpo de Bombeiros.

Embora não tivessem demorado a chegar, os bombeiros não conseguiram impedir que o quarto e a sala ao lado fossem inteiramente destruídos pelas chamas. Não obstante o prejuízo, a família consolou-se com o fato de aquele incidente não ter tomado maiores proporções, atingindo os apartamentos vizinhos.

Vamos observar as características dessa narração. O narrador está em 3ª pessoa, pois não toma parte na história; não é nem membro da família, nem o porteiro do restaurante, nem um dos bombeiros o muito menos alguém que passava pela rua na qual se situava o prédio. Outra característica que deve ser destacada é o fato de a história lei sido narrada com objetividade: o narrador limitou-se a contar os fatos sem deixar que seus sentimentos, suas emoções transparecessem no decorrer da narrativa.

Este tipo de composição denomina-se **narração objetiva**, É o que costuma aparecer nas "ocorrências policiais" dos jornais, nas quais os redatores apenas informam os fatos, sem se deixar envolver emocionalmente com o que estão noticiando. Este tipo de narração apresenta um cunho impessoal e direto.

EXERCÍCIO

Agora vamos treinar. Pegue o seu caderno e imagine que você é redator em um jornal e precisa redigir uma narração, informando sobre um assalto ocorrido. Consulte, se julgar necessário, o esquema estudado anteriormente para sua melhor orientação. Faça uma narração objetiva, com narrador em 3ª pessoa.

A narração subjetiva

Existe também um outro tipo de composição chamado narração subjetiva. Nela os fatos são apresentados levando-se em conta as emoções, os sentimentos envolvidos na história. Nota-se claramente a posição sensível e emocional do narrador ao relatar os acontecimentos. O fato não é narrado de modo frio e impessoal; ao contrário, são ressaltados os efeitos psicológicos que os acontecimentos desencadeiam nos personagens. E, portanto, o oposto da narração objetiva.

Daremos agora um exemplo de narração subjetiva, elaborada também com o auxílio do esquema visto anteriormente. Escolhemos o narrador em 1ª pessoa. Esta escolha é perfeitamente justificável, visto que, participando da ação, ele envolve-se emocionalmente com maior facilidade na história. Isso não significa, porém, que uma narração subjetiva requeira sempre um narrador em 1ª pessoa e vice-versa.

COM A FÚRIA DE UM VENDAVAL

Em uma certa manhã acordei entediada. Estava em minhas férias escolares do mês de julho. Não pudera viajar. Fui ao portão e avistei, três quarteirões ao longe, a movimentação de uma feira livre.

Não tinha nada para fazer, e isso estava me matando de aborrecimento. Embora soubesse que uma feira livre não constitui exatamente o melhor divertimento do qual um ser humano pode dispor, fui andando, a passos lentos, em direção àquela barraca. Não esperava ver nada de original, ou menos interessante. Como é triste o tédio! Logo que me aproximei, vi uma senhora alta, extremamente gorda, discutindo com um feirante.

O homem, dono da barraca de tomates, tentava em vão acalmar a nervosa senhora. Não sei por que brigavam, mas sei o que vi: a mulher, imensamente gorda, mais do que gorda (monstruosa), erguia

seus enormes braços e, com os punhos cerrados, gritava contra o feirante. Comecei a me assustar, com medo de que ela destruísse a barraca (e talvez o próprio homem) devido à sua fúria incontrolável. Ela ia gritando e se empolgando com sua raiva crescente e ficando cada vez mais vermelha, assim como os tomates, ou até mais.

De repente, no auge de sua ira, avançou contra o homem já atemorizado e, tropeçando em alguns tomates podres que estavam no chão, caiu, tombou, mergulhou, esborrachou-se no asfalto, para o divertimento do pequeno público que, assim como eu, assistiu àquela cena incomum.

SUGESTÃO:

Releia esta narração, transcrevendo em seu caderno palavras ou expressões que revelam emoção, sentimento, de modo a localizar os pontos que fazem dela uma narração objetiva.

OBSERVAÇÃO:

Sua narração pode ter a extensão que lhe convier. Você pode aumentá-la ou diminuí-la, suprimindo detalhes menos importantes. Lembre-se: quando um determinado parágrafo ficar muito extenso, você pode dividi-lo em dois. Destacamos, mais uma vez, que o esquema dado é uma orientação geral e não precisa ser necessariamente seguido; ele pode sofrer variações referentes ao número de parágrafos ou à ordem de disposição dos elementos narrativos.

EXERCICIO

Faça agora um treino. Elabore uma narração subjetiva, com narrador em 1ª pessoa, utilizando os elementos básicos do texto narrativo (todos ou alguns). Conte um fato inteiramente inesperado que aconteceu com você dentro de um ônibus. Não se esqueça de criar um título interessante.

O discurso do narrador

Comparando os dois modelos de narração já apresentados, você poder perceber a diferença entre narrador em 1ª e 3ª pessoas, a maneira como se elabora uma narração utilizando o esquema estudado, a existência da narração objetiva em oposição à narração subjetiva e alguns outros aspectos.

É, importante também que você observe um outro fato sobre o qual ainda não fizemos qualquer comentário. Lendo as narrações **O incêndio** e **Com a fúria de um vendaval**. Você notará com facilidade que o narrador contou cada uma das histórias com suas próprias palavras. Ele não introduziu diálogos na redação registrando a fala dos personagens. Essas duas narrações foram elaboradas sem que o narrador introduzisse o discurso direto, isto é, o diálogo entre os personagens.

Nos exercícios a seguir, você irá redigir as composições que vamos sugerir sem utilizar diálogos entre os personagens. Em breve você terá elementos para saber como fazê-lo corretamente. Oriente-se, portanto, pelos modelos de redação já estudados.

Não se esqueça também de que o esquema de narração estudado não precisa ser seguido à risca. Se julgar importante fazer qualquer alteração, nada o impede de fazê-lo, desde que sua composição não perca as características de organização e clareza indispensáveis a todas as narrações.

EXERCÍCIOS

Apresentaremos agora algumas sugestões. Escolha os temas que lhe parecerem mais atraentes e faça narrações para aprimorar sua capacidade de redigir esta modalidade de composição.

1. Faça uma narração objetiva, com narrador em 3ª pessoa, contando:

a) um sequestro;
b) uma colisão;
c) um atropelamento;
d) um atentado terrorista.

2. Elabore uma narração subjetiva, com narrador em 3ª pessoa, sobre:

a) uma briga entre torcidas de futebol;
b) uma passeata de protesto;
c) um piquete de operários metalúrgicos;
d) uma festa do aniversário de um clube

2. Redija uma narração objetiva, com narrador em 1ª pessoa, contando:

a) uma viagem ao exterior;
b) uma confusão ocorrida em um supermercado;
c) uma festa de aniversário;
d) um enorme engarrafamento;
e) um fato de importância nacional;
f) uma aula de um curso profissionalizante.

4 . Construa uma narração subjetiva, com narrador em 1ª pessoa, sobre:

a) um susto terrível;
b) uma discussão com um motorista de táxi;
c) uma inundação;
d) uma festa de comemoração de uma vitória eleitoral.

5. Elabore uma ou mais narrações baseando-se nos títulos propostos (você agora pode escolher o tipo de narrador e optar por uma narração objetiva ou por uma narração subjetiva; note, entretanto, que alguns títulos sugerem uma narração subjetiva, e outros, uma narração objetiva):

a) Um incidente no colégio
b) O dia mais feliz de toda a minha vida
c) A maior lição que aprendi de minha mãe
d) Eu, um negro na África do Sul
e) Quando eu fui professor por um dia
f) O grande sonho da minha vida
g) O incrível caso do desaparecimento de meu vizinho
h) A escola de natação: uma aventura perigosa
i) O fato mais emocionante que presenciei
j) A minha conversa com o Presidente da República
l) Uma lição de fraternidade
m) De como os dias de minhas férias foram realmente maravilhosos ou completa ente desinteressantes
n) Um acidente em pleno voo
o) Meus colegas de classe: santos ou silvícolas?
p) Sim, saí correndo de medo
q) A tragédia que se abateu sobre o planeta
r) A maior travessura que já vi
s) Uma briga na tinturaria
t) A inesquecível manhã em que fui chamado para a diretoria de minha escola
u) Futebol de rua: nunca mais!
v) O dia em que a cidade parou
x) A primeira visita de um índio à cidade de São Paulo
z) O fato mais engraçado que já presenciei

A NARRAÇÃO E OS TIPOS DE DISCURSO

Discurso direto e discurso indireto

Na lição anterior, você aprendeu a fazer uma narração. Mostramos como contar histórias com as palavras do narrador, sem registrar diálogos entre personagens.

Agora você aprenderá como introduzir o discurso direto (registro da fala dos personagens) em meio a uma narração, bem como transformá-lo em discurso indireto.

O primeiro passo é conseguir diferenciar o discurso indireto do discurso direto.

Veja estes exemplos:

Discurso indireto

O rapaz, depois de estacionar seu automóvel em um pequeno posto de gaso¬lina daquela rodovia, perguntou a um funcionário onde ficava a cidade mais próxima. Ele respondeu que havia um vilarejo a dez quilômetros dali.

Discurso direto

O rapaz, depois de estacionar seu automóvel em um pequeno posto de gasolina daquela rodovia, perguntou:
— Onde fica a cidade mais próxima? - Há um vilarejo a dez quilômetros daqui — respondeu o funcionário.
Observe o exemplo de discurso direto. Antes do registro da fala do personagem existe um travessão (—) que inicia um novo parágrafo. No último período desse texto você notou que há também um outro travessão, colocado antes da palavra respondeu; ele serve para separar a fala do personagem da explicação do narrador ("respondeu o funcionário").

Quando o narrador quer informar qual o personagem que fala, o texto pode ser organizado de duas maneiras:

1) Primeiro explica-se quem vai falar. A frase termina por dois-pontos (:). Abre-se então um novo parágrafo para nele colocar o travessão, seguido da fala do personagem.
Exemplo:

O funcionário respondeu: - Há um vilarejo a dez quilômetros daqui.

2) Em primeiro lugar, registra-se, depois de posto o travessão, a fala do personagem.
Na mesma linha coloca-se um outro travessão e, em seguida, a frase pela qual o narrador explica quem está dizendo aquilo (iniciada por letra minúscula).
Exemplo:

— Há um vilarejo a dez quilômetros daqui — respondeu o funcionário.

OBSERVAÇÃO:

Há verbos que se caracterizam por introduzir a fala do personagem, ou mesmo explicar quem está fazendo a afirmação registrada depois do travessão. Denominam-se verbos de elocução e alguns exemplos deles são: **falar, perguntar, responder**, **indagar, replicar, argumentar, pedir, implorar, comentar, afirmar** e muitos outros.

Vejamos agora um exemplo de como podemos introduzir o discurso direto em narração.

Leia o texto abaixo, onde não aparece a fala dos personagens. É o narrador que conta os acontecimentos.

O primeiro dia no cursinho

Maria Helena acabava de matricular-se em um famoso cursinho, desses que preparam os alunos para os exames vestibulares.

Logo no primeiro dia de aula, depois de subir os seis lances de escadas que a conduziam à sua classe de duzentos e quarenta alunos, entrou na sala espantada com a quantidade de colegas. Assistiu às três primeiras aulas (ou conferências) que os professores deram com o auxílio de microfones.

Quando bateu o sinal do intervalo, tentou encontrar a lanchonete que ficava no térreo. Maria Helena então começou a descer os seis lances de escadas acompanhada por uma quantidade incontável de pessoas, ou seja, os colegas das outras quinze salas de aula existentes em cada andar. Sentia-se como torcedora saindo do Morumbi depois de um clássico.

Após algum tempo, chegou ao térreo e lá avistou uma aglomeração comparável ao público que comparecia aos comícios das "Diretas". Olhou para um dos os lados e não viu lanchonete alguma.

Pouco tempo depois, descobriu que a lanchonete era lá mesmo, mas não dava para ver a caixa registradora, situada a alguns metros dela, de tanta gente que havia. Ela já estava na fila da caixa e não sabia.

Leia agora a mesma redação, depois de introduzidos alguns trechos de **discurso direto**.

O primeiro dia no cursinho

Maria Helena acabava de matricular-se em um famoso cursinho, desses i preparam os alunos para os exames vestibulares.

Logo no primeiro dia de aula, depois de subir os seis lances de escadas que a conduziam à sua classe de duzentos e quarenta alunos, entrou na sala, espantada com a quantidade de colegas. Assistiu às três primeiras aulas (ou conferências) que os professores deram com o auxílio de microfones.

Quando bateu o sinal do intervalo, Maria Helena perguntou a um colega de classe:

— Você, por acaso, sabe onde fica a lanchonete?

— Fica no térreo — respondeu-lhe o colega gentilmente.

Ela então começou a descer os seis lances de escadas, acompanhada por uma quantidade incontável de pessoas, ou seja, os colegas das outras quinze salas de aula existentes em cada andar. Sentia-se como uma torcedora saindo do Morumbi depois de um clássico.

Após algum tempo chegou ao térreo e lá avistou uma aglomeração comparável ao público que comparecia aos comícios das "Diretas".

— Por favor, você sabe onde fica a lanchonete? Disseram que ficava no térreo — perguntou Maria Helena para uma moça que estava a seu lado.

— Mas você já está na lanchonete!

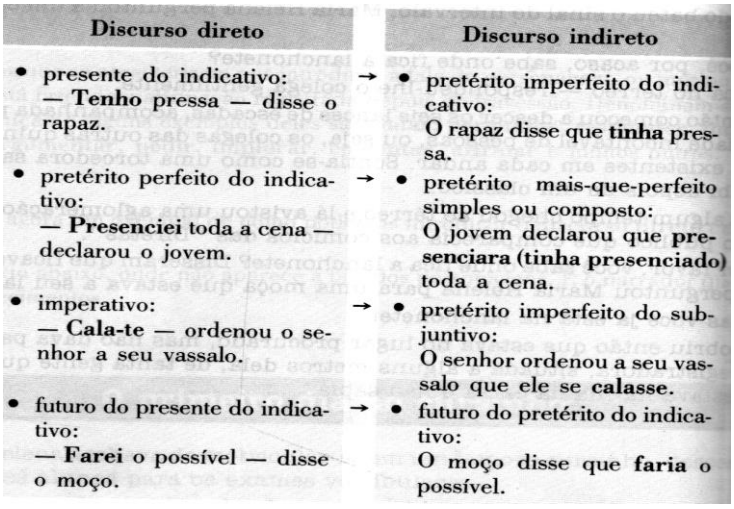
Descobriu então que estava no lugar procurado, mas não dava para ver a caixa registradora, situada a alguns metros dela, de tanta gente que havia. Ela já estava na fila da caixa e não sabia.

A transformação do discurso direto em indireto e vice-versa

Você já aprendeu a identificar os dois tipos de discurso; notou que eles não são registrados do mesmo modo. Vamos agora sistematizar as diferenças que pudemos perceber entre eles, recorrendo aos exemplos fornecidos anteriormente.

Discurso direto	**Discurso indireto**
verbos no presente do indicativo (fica, há) pontuação característica (travessão, dois pontos)	verbos no pretérito imperfeito do indicativo (ficava, havia) ausência de pontuação característica.

Portanto, o primeiro passo para se transformar um tipo de discurso em outro consiste em efetuar as modificações mencionadas, ou seja, alterar o tempo dos verbos e utilizar a pontuação adequada. Entretanto, restam ainda alguns detalhes. Vamos a eles.



Discurso direto		Discurso indireto
• presente do indicativo: — **Tenho** pressa — disse o rapaz.	→	• pretérito imperfeito do indicativo: O rapaz disse que **tinha** pressa.
• pretérito perfeito do indicativo: — **Presenciei** toda a cena — declarou o jovem.	→	• pretérito mais-que-perfeito simples ou composto: O jovem declarou que **presenciara (tinha presenciado)** toda a cena.
• imperativo: — **Cala-te** — ordenou o senhor a seu vassalo.	→	• pretérito imperfeito do subjuntivo: O senhor ordenou a seu vassalo que ele se **calasse**.
• futuro do presente do indicativo: — **Farei** o possível — disse o moço.	→	• futuro do pretérito do indicativo: O moço disse que **faria** o possível.

Tempos verbais

No exemplo apresentado de discurso direto, os personagens utilizavam o verbo no presente do indicativo. E se eles estivessem se expressando no pretérito ou em outro tempo verbal? Siga, na tabela ao lado, as correlações entre alguns tempos verbais e os tipos de discurso.

Não vamos relacionar todos os tempos de verbos e suas modificações. Acre que basta uma observação de caráter geral: ao transformar o discurso direto em indireto, você estará transcrevendo algo que alguém já disse; portanto, no discurso o tempo será sempre **passado** em relação ao discurso direto. O mecanismo é basicamente o mesmo para todos os casos. Preste atenção neste último exemplo:

Discurso direto

— **Quero** que você me **siga** — disse Pedro, (presente do indicativo, presente do subjuntivo)
— Se **estiver** disposta, eu o **farei** — replicou Paula, (futuro do subjuntivo, futuro do presente do indicativo)

Discurso indireto

Pedro disse a Paula que **queria** que ela o **seguisse**, (pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo) Paula replicou que, se **estivesse** disposta, ela o faria, (pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo)

Pronomes e advérbios

Outras classes de palavras, como os pronomes e alguns advérbios, podem igualmente requerer alterações. Observe o exemplo abaixo:

Discurso direto

— Venha **cá**, **minha** filha — disse a mãe, impaciente.
— Estarei **aí daqui** a cinco minutos.

Discurso indireto

A mãe, impaciente, pediu a **sua** filha que fosse até **lá**. Ela respondeu que estaria lá **dali** a cinco minutos.

Discurso direto

— Onde estão os meus ingressos para o espetáculo de patinação? — perguntou Pedro.
— Estavam aqui ainda neste instante! — replicou Maria.

Discurso indireto

Pedro perguntou a Maria onde estavam os seus ingressos para o espetáculo de patinação. Ela replicou que eles estavam ali ainda naquele instante.

EXERCÍCIOS

1. Agora é a sua vez. Com base nas informações fornecidas, transforme o discurso direto em indireto e vice-versa, conforme o caso apresentado:

a) — Hoje pretendo viajar — afirmou a vendedora de cosméticos.
— Nesta cidade — afirmou sua irmã — as vendas estão cada vez mais difíceis.
b) O médico explicou à senhora que ela precisaria ter paciência. Ela respondeu ao doutor que sabia que o caso era grave, pois haviam lhe contado tudo sobre o estado clínico de seu marido.
c) — Neste momento estou me arrumando para ir até aí. Quero jogar basquete — disse o professor de Educação Física, pelo telefone.
— Quando você chegar, procure-me — pediu seu amigo.
d) O poeta, visivelmente emocionado, falou que havia três anos ele estivera naquela mesma casa e tinha encontrado aquelas pessoas pela última vez.
2. Transcreva em seu caderno todas as frases do texto que registrarem a fala dos personagens:

Depois de percorrerem mais de vinte e cinco lojas de sapatos, Sandra pergunta a uma de suas primas:

— Heloísa, será que você não consegue mesmo encontrar um par de sapatos que lhe agrade?
— Tenho a impressão de que vou achá-lo naquela loja da esquina — respondeu a moça.

— Os meus pés já estão em carne viva — reclamou Márcia.

Sandra, bastante contrariada, ameaçou:

— Ou você compra qualquer um mesmo na loja da esquina, ou eu vou para casa. Já descemos a rua inteira. Estamos exaustas!

— Acho que as vinte lojas a que fomos não conseguem ter em seus estoques um sapato à altura do gosto requintado de nossa prima — ironizou Márcia.

— É melhor mesmo desistir. Vocês não têm paciência. Para fazer compras é preciso ter disposição — comentou Heloísa.

— Márcia, inconformada por ter andado inutilmente por mais de três horas, falou:

— Querida priminha, nas suas próximas compras, em vez de nos convidar, peça a companhia de uma equipe de atletismo.

— Sim, praticantes de ginástica olímpica ou mesmo especialistas em salto triplo — emendou Sandra.

— Neste exato momento, Heloísa arregalou seus olhos e soltou um grito de surpresa:

— Achei! Era aquele mesmo que eu queria! Ele estava ali o tempo todo — gritava ela, dando pulinhos de alegria e correndo em direção a uma loja que ficava do outro lado da rua.

3. Copie todo o texto do exercício anterior de tal modo que não apareça, em nenhum momento, o discurso direto. Em outras palavras, copie essa redação transformando todos os trechos de discurso direto em discurso indireto.

4. Reescreva a narração abaixo, incluindo alguns trechos de discurso direto:

Um ato involuntário

Após assistir às aulas do cursinho, em seu primeiro dia de aula, Maria Helena dirigiu-se ao ponto de ônibus.

Em volta do ponto havia dezenas de pessoas, alunos com seu material escolar na mão, à espera dos transportes coletivos que passavam por aquela imensa avenida. Aproximava-se o seu ônibus. Ao avistá-lo, notou que vinha super-lotado e decidiu esperar por um outro veículo da mesma linha. Ele certamente passaria cinco minutos depois.

Ela estava no ponto, cercada por inúmeras pessoas, e não sabia que a maioria delas iria entrar nesse ônibus abarrotado. De repente, quando o veículo parou, todos correram em direção à porta, carregando junto Maria Helena. Ela, sem querer, impulsionada pelos outros que a circundavam, subiu a escadinha do ônibus, contra a sua vontade, tal o número de pessoas que a comprimiam.

Já dentro do veículo, ouviu a inútil solicitação do cobrador para que as pessoas dessem um passo à frente. Não havia para onde ir, nem mesmo como se mexer, devido à superlotação.

OBSERVAÇÃO:

Sugerimos a introdução, após o primeiro parágrafo, de uma conversa entre Maria Helena e uma outra pessoa que também estivesse no ponto de ônibus. Também é possível criar um diálogo entre um dos passageiros e o cobrador. Além dessas sugestões, você pode imaginar qualquer outro diálogo relacionado com a história narrada. Empenhe-se para fazer o exercício solicitado da melhor forma possível.

Níveis de linguagem

Vamos falar agora sobre os tipos de linguagem que você pode utilizar em suas narrações.

Como você já deve ter ouvido falar, existem basicamente dois níveis de linguagem: a linguagem formal e a linguagem coloquial.

Entendemos por linguagem formal a língua culta, que se caracteriza pela correção gramatical, ausência de gírias ou termos regionais, riqueza de vocabulário e frases bem elaboradas.

A linguagem coloquial, por sua vez, é aquela que as pessoas utilizam no dia-a-dia, conversando informalmente com amigos, parentes e colegas. E a linguagem descontraída, que dispensa formalidades e aceita gírias, diminutivos afetivos e palavras de cunho regional.

A narração, a nosso ver, pode comportar os dois níveis de linguagem. Recomendamos-lhe que utilize a linguagem formal nas frases do narrador e a linguagem coloquial no registro da fala de alguns personagens. Expliquemos melhor: se você for registrar, no discurso direto, a fala de um sertanejo, poderá

utilizar palavras ou expressões típicas do linguajar de sua região, para dar um cunho de veracidade à composição; se a conversa estiver sendo travada entre dois adolescentes, cabe a introdução de algumas gírias. Dessa forma, a redação torna-se mais convincente, na medida em que cada personagem é apresentado com o registro de fala que normalmente o caracteriza. Pareceria um tanto estranho dois personagens semianalfabetos se expressando em uma linguagem semelhante à de Rui Barbosa.

Isso não significa, porém, que o discurso direto deva sempre estar relacionado com a linguagem coloquial. Pelo contrário, em se tratando de personagens cultos (ou mesmo razoavelmente instruídos), você deve utilizar a linguagem formal no registro de suas falas.

OBSERVAÇÃO:

Fique atento às solicitações que possam ser feitas nas provas de redação que vier a realizar. Caso se peça para elaborar uma narração utilizando a linguagem formal, este tipo de linguagem deverá aparecer em toda a composição, independentemente de quem sejam os personagens envolvidos nos trechos do discurso direto.

Veja, nestes pequenos trechos a seguir, como os dois tipos de linguagem podem aparecer no discurso direto. Lembre-se de que o narrador sempre se utiliza da linguagem formal.

Linguagem coloquial

Os dois amigos se encontraram no pátio do colégio, na hora do intervalo, e Marcos perguntou:

— Como é que é, Zé? Tá a fim de dar uns giros por aí depois da aula?

— Normal! A gente pode chamar o Nandinho e ir pra uma lanchonete — respondeu José bastante animado.

— É isso aí. Deixa eu ir me mandando, que o sinal já tocou — falou Marcos apertando o passo.

Linguagem formal

No corredor de uma universidade, um eminente professor de Direito Penal encontra um ex-aluno, agora seu colega. O professor diz-lhe:

— Que prazer encontrá-lo depois de tanto tempo!

— Como está, professor? É bom revê-lo — sorriu o ex-aluno emocionado. — O senhor nem pode imaginar o quanto me foram úteis os conhecimentos que adquiri em suas aulas.

— Você sempre foi um bom aluno. Tinha a certeza de que se tornaria um advogado notável.

EXERCÍCIOS

1. Elabore uma narração subjetiva, com narrador em 1ª pessoa, contando um fato ocorrido em São Paulo, em um dia de paralisação do transporte coletivo. Utilize discurso direto e crie um título interessante. Se desejar, consulte o esquema de narração estudado anteriormente.

2. Faça uma narração objetiva, com narrador em 3ª pessoa, contando um incidente ocorrido no pronto-socorro de um imenso hospital. Utilize discurso direto. Crie um título adequado. Nesta redação, procure usar unicamente a linguagem formal.

OS TEXTOS DESCRITIVOS

A descrição

Descrição é a composição linguística que nos permite montar um "retrato verbal" de seres (pessoa, objetos), paisagens ou situações; trabalha com imagens permitindo a visualização do que está sendo descrito.

Entretanto, descrever não significa apenas fazer um relato das partes que compõem um todo; descrever uma sala, informando que ela tem quatro paredes, um teto, uma porta e duas janelas, não acrescenta nada. São apontadas características genéricas, comuns à maioria das salas; não há, portanto,

o essencial do texto descritivo: o traço distintivo, individual, particular. É necessário caracterizar o ser descrito, distinguindo-o de seres semelhantes, individualizando-o.

Repare como os bons escritores, ao descrever um personagem, valorizam detalhes, às vezes pequenos e aparentemente insignificantes, que justamente o individualizam: é o tipo de bigode ou de sobrancelha, o tipo de olho ou o modo de olhar, o vocabulário e o modo de falar, algum tique nervoso etc.

Outro detalhe importante é que não apreendemos a realidade apenas por meio da visão; apesar de se falar em "retrato" verbal, **um bom texto descritivo não pode prescindir das outras sensações**. Nossa percepção da realidade se dá por meio da visão, da audição, do olfato, do tato, da gustação. Por isso, é comum encontrarmos **sinestesias** em textos descritivos. Para exemplificar, transcrevemos um trecho de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. [...]

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Cortiço no Rio de Janeiro (RJ), no início do século XX.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá de dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

AZEVEDO, Aluísio. O cortiço. São Paulo: Scipione, 2004.

Cortiço no Rio de Janeiro (RJ), no início do século XX.

Bonito, não é? Há uma verdadeira orquestração caracterizando o texto; nós somos levados a ouvir o despertar do cortiço, sentimos os odores, a umidade do ar, sentimos o aroma do café e o saboreamos. E o resultado final é a imagem do cortiço (também transformado em personagem) como um todo. Outro detalhe importante é a **posição do observador**, onde ele se localiza: a descrição de uma mesma cena pode variar dependendo do foco de percepção do narrador. No trecho lido, veja que o narrador faz questão, num determinado momento da descrição, de se situar: "... vinham pendurar **cá fora**..." e "**lá de dentro** das casas...". Ou seja, o narrador está no meio do pátio do cortiço, com visão de tudo o que acontece "cá fora"; o mundo de "lá de dentro" nos chega por outras percepções: olfativa e auditiva. Já em "cheiro quente do café" a percepção é sinestésica: olfativa e táctil.

O TEXTO DESCRITIVO: UM ARRANJO LINGUÍSTICO CARACTERÍSTICO

Os textos descritivos apresentam uma gramática muito particular com o predomínio de:

- frases nominais e/ou sintagmas nominais; • orações centradas em predicados nominais (afinal, estamos descrevendo o "mundo das coisas"; falamos como as coisas são);
- verbos de estado (**ser, estar, parecer, virar, permanecer** etc.);
- verbos conjugados no presente ou no imperfeito do indicativo (pois a intenção é descrever um ser num determinado momento, passando uma noção estática de permanência);
- adjetivos na função de adjunto adnominal e/ou na de predicativo (imprescindíveis numa descrição!);
- advérbios na função de adjuntos adverbiais de lugar, posicionando o ser retratado no espaço;
- períodos curtos e coordenação;
- quando há subordinação, orações adjetivas (adjuntos adnominais de um substantivo).

Um recurso comum nas descrições é a comparação, pois a analogia permite o cruzamento de imagens, tornando assim mais fácil a elaboração da imagem que se está tentando descrever. Daí o emprego constante do conectivo como.

Por ser o registro, uma "fotografia", de um objeto, de uma pessoa, de uma paisagem, o texto descritivo não trabalha com a sucessão temporal (ao contrário da narração, por exemplo). Por isso, os verbos aparecem ou no presente (como as coisas são no momento da fala) ou no pretérito, com predomínio do imperfeito (como as coisas eram no passado); quando há um marco temporal no passado, é possível o emprego do mais-que-perfeito, como na construção: Ela chegou às dez da noite... O dia fora quente e seco.

PRAGA

Ambientes de uma Cidade Etérea
Texto e foto de Jorge Adn Costa

Flor de uma Primavera devorada pela História, a urbe silenciosa acordava com os ecos dos sons lançados pelos sinos dos campanários mais altos. Centenas de cúpulas reluzentes lançavam pináculos a um céu muitas vezes cinzento, e das florestas vizinhas chegava o primeiro chilrear dos pássaros madrugadores. Do leste, restava a memória de quem sempre viveu no centro da Europa, e do ocidente soprava um vento de mudança, que não embalava as árvores mas vestia de cores mais garridas a bela cidade milenar, orgulho do povo checo. São memórias de ambientes etéreos de Praga, ainda guiadas, aqui e ali, por evocações de Milan Kunãera.

FOCO DESCRITIVO

Na descrição da cidade de Praga, ressalta-se a convivência entre o novo e o antigo; destacam-se os sinos, o céu cinzento, as florestas, os pássaros. Os substantivos, os verbos e os adjetivos utilizados procuram transmitir aspectos visuais e auditivos do lugar: "a urbe silenciosa acordava com ecos dos sons lançados pelos sinos", "cúpulas reluzentes", "céu muitas vezes cinzento", "chilrear dos pássaros madrugadores"... Na organização do parágrafo, observa-se a predominância da coordenação.

Na hora de elaborar um texto descritivo, o produtor do texto tem de definir o **foco descritivo** (ou **foco de percepção**) pelo qual o elemento a ser descrito será observado. E temos duas situações: um **foco externo**, que é o ângulo pelo qual o ser será descrito (de um detalhe para o todo ou do todo para os detalhes; de cima para baixo ou de baixo para cima; de lado ou de frente ou detrás; de fora para dentro, de dentro para fora etc.); um **foco interno**, que é a postura assumida pelo produtor de textos em relação ao elemento a ser descrito (um maior envolvimento, um maior distanciamento).

Assim, dependendo especialmente do foco interno do produtor do texto, podemos distinguir dois tipos de descrição: a objetiva e a subjetiva.

- **Descrição objetiva**: é aquela em que o produtor do texto se limita aos valores exteriores, aproximando-se o máximo possível da realidade, sem emitir juízos de valor (que são, obviamente, valores subjetivos).
- **Descrição subjetiva**: é aquela em que o produtor do texto emite juízos de valor, salienta determinadas características que o impressionam (portanto, o que está sendo descrito é filtrado por ele, interessa o que ele quer ver; interessa como ele vê).

Leia os textos a seguir, caracterizados por sequências descritivas.

Texto I

Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sobrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor.

[...]

Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam.

[...]

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. São Paulo: Record, 2003.

Texto II

Rotação serena

Após o lançamento de seu novo disco, Patrícia Marx está centrada e tranquila. Na música e na vida Perfil Fabiana Caso

O cabelo está preso num estilo penteado, com as pontas para fora. A combinação de jeans e blusa rosa de fitas e babados invoca um tom romântico, reforçado pela sandália de salto alto. Assim chega a cantora e compositora Patrícia Marx para a sessão de fotos no estúdio da gravadora Trama [...].

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 abr. 2005. Feminino, p. F8.

Encarte "Lançamentos de DVDs e CDs". **Revista MTV. São *Paulo: Abril,***

Texto III

REPÚBLICA DJOU
Só o começo
Independente

Guitarras pesadas, bateria certeira e baixo suingado. É o que esta banda novata apresenta neste disco. O som vai de hard rock mais ortodoxo (Eu Quero) ao funk-o-metal de Red Hot Chili Peppers e Faith No More (Vivo por Viver).

Texto IV

Pato no tucupi, o prato do Círio

Comida mais famosa do Pará, o pato no tucupi é servido no primeiro dia da festa do Círio de Nazaré. Tucupi é um molho feito com mandioca ralada, espremida e fervida com alfavaca e chicória. É encontrado pronto em lojas que vendem produtos do Norte. Ingredientes

l pato cortado em pedaços
4 dentes de alho
l litro de tucupi
Folhas de jambu ou mostarda

l/2 colher de sopa de orégano
1/4 de xícara de chá de azeite
Sal a gosto Modo de fazer

Tempere na véspera o pato com alho, sal, orégano e azeite. No dia seguinte, leve-o ao forno médio por 30 minutos. Coloque o pato numa panela e deixe-o cozinhar por alguns minutos, junto com o tucupi e o jambu, até ficar macio. Despeje o pato e o molho numa tigela funda, cobrindo a carne com o jambu. Sirva com arroz branco.

ALMANAQUE SAÜDE. Ano l, n. 2, 2004. p. 18

Texto V

Uma valsa no início da noite

O primeiro rádio foi um sucesso: um Pilot de seis válvulas, numa caixa de madeira em forma de janela gótica. O tecido que protegia o alto-falante era de um grená profundo, aveludado, coava luxuriosamente a voz de Chico Alves e Mário Reis, os agudos de Vicente Celestino.

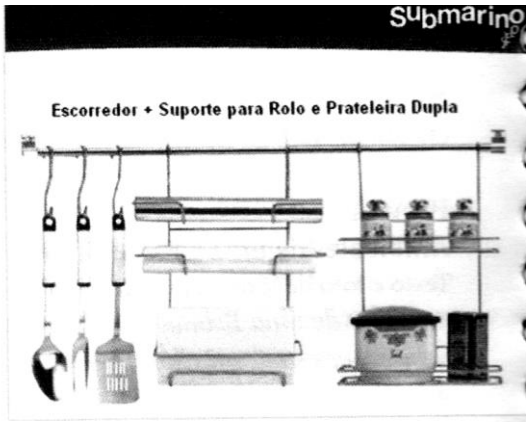
O pai saíra para trabalhar e deixara o rádio na estação que minha mãe escolhera. Era só ligar na tomada e ele funcionaria no volume desejado. No final da tarde, esquecidos do fio desligado, apertamos o botão encimado pelas cabalísticas "on" e "off". Esperamos a luzinha vermelha que devia se acender.

Não acendeu. [...]

CONY, Carlos Heitor. Folha de S.Paulo, São Paulo, 27fev. 1998. Ilustrada, p. 3.

Texto VI

Escorredor + Suporte para Rolo e Prateleira Dupla



Prazo de entrega: *Normalmente em 1 dia útil para Grande São Paulo*

MM Passerini

Cozinha suspensa com design prático e elegante, ideal para adicionar pratos, talheres, copos, escumadeira, papel toalha, filme, alumínio e etc. Produzido em aço cromado com fino acabamento. Clique aqui e veja mais detalhes.

De: ***R$ 159,90***

Submarino: R$ 144,90

Economize: R$ 15,00 ou ***3X de R$ 48,30 sem juros*** *no cartão*

Disponível em: <nokia.submarino.com.br/octredir.asp?id=4&tagname=domutilities2>. Acesso em: 28 ago. 2006.

Trocando ideias

Dividam-se em seis grupos. Cada grupo deverá trabalhar com um dos textos acima. A tarefa consiste em:

a) assinalar as características descritivas, considerando estruturas gramaticais empregadas e foco descritivo;

b) apontar os benefícios do emprego de sequências descritivas no texto, observando o gênero textual e a função/intenção do produtor do texto.

Em seguida, na voz de um representante, apresentem as conclusões aos demais colegas.

Exercícios

O resto é silêncio
Parte I, Capítulo I
(Fragmento)

Há um tom de verde, que encontramos às vezes nos céus de certos quadros - um verde aguado, duma pureza de cristal, transparente e frio como um lago nórdico -, um verde tão remoto, sereno, perfeito, que parece nada ter de comum com as coisas terrenas. Paramos, contemplamos a tela, atribuímos a cor impossível à fantasia do artista e passamos adiante.

Entretanto havia na realidade um verde exatamente assim no horizonte daquele anoitecer de Sexta-feira da Paixão. O dia fora morno e sem vento. O outono andava a dar novas tintas à cidade. As folhas das trepadeiras que cobriam as paredes de algumas vivendas dos Moinhos de Vento faziam-se dum

vermelho de ferrugem. Os plátanos do Parque começavam a perder as primeiras folhas. A luz do sol tinha a cor e a doçura do mel. Os horizontes fugiam. Por toda a parte as paineiras estavam rebentando em flores. Os contornos das coisas amaciavam-se à claridade de abril. Andava no ar uma calma adormentadora. A paisagem como que ia adquirindo aos poucos uma certa maturidade, e as criaturas humanas pareciam finalmente em paz com o céu e a terra. Havia entre elas e a natureza um acordo espontâneo, uma repousada harmonia, uma aceitação mútua e sem reservas.

VERÍSSIMO, Érico. O resto é silêncio. São Paulo: Globo, 1999.

1. Considerando que os textos predominantemente narrativos se centram num fato ou acontecimento; que há personagens que atuam e um narrador que relata a ação; que os textos predominantemente descritivos são "retratos verbais" de pessoas, coisas ou ambientes; que nos textos predominantemente argumentativos há a defesa de uma ideia, de um ponto de vista, você diria que o fragmento do texto de

Érico Veríssimo que você leu é essencialmente argumentativo, descritivo ou narrativo? Justifique sua resposta com alguns indicadores gramaticais que caracterizam esse tipo de composição.

2. Aponte no texto um substantivo modificado por três adjetivos.

3. Em "... um verde aguado duma pureza de cristal, transparente e frio como um lago nórdico...", temos um apelo a mais de um dos nossos sentidos. Quais são as percepções a que se apelou? Como se chama a figura de linguagem que resulta desse trabalho?

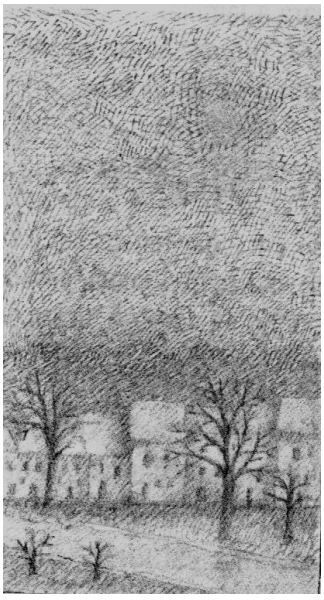
4. Qual é o tema do primeiro parágrafo? Que relação se estabelece entre o primeiro parágrafo e o primeiro período do segundo parágrafo?

5. Qual é o tema do segundo parágrafo?

6. Que tipo de relação se estabelece entre a natureza e as criaturas humanas?

Praticando

Texto para as questões de 1 a 6.



Os moradores do casarão

[...]

Consultando o relógio de parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente. Toma banho dentro da bacia no quarto, cujos tacos já estão podres. Demora-se sentada no banco de madeira com medo da corrente de ar, os cabelos soltos e os ombros protegidos pela toalha.

A única amiga que a visita diz que a vida dela dá um romance. O casarão. A posição social de outrora. A educação dela: o piano, a aula particular de francês, o curso de pintura com irmã Honorine. Tudo se foi acabando. Os mortos são retratos no alto das paredes. Galeria de retratos, o do pai, imponente, o cabelo partido ao meio, certa ironia nos olhos, ao tempo em que foi secretário de estado e diretor do grande hospital. Foi por esse tempo que ela se casou com o bacharel recente. As tias fizeram oposição forte. Aquelas tias magras, de nervuras nos pescoços, as blusas de colarinho de renda, os bandos. A mais renitente delas era tia Matilda. A sobrinha merecia coisa melhor, homem já projetado na vida, com carreira feita, que a família era nobre, quisessem ou não: vinha de boa cepa portuguesa, com barão na origem. O moço era filho de comerciante, com pequena loja de tecidos:

— E um menino! Em começo de vida.

Mas casaram. Foi decidido que ficassem no casarão, que dava para todos, e ninguém queria separar-se de Violeta, que tinha muitas mães, todas mandando nela. Violeta, governada, sem vontade própria, como se ainda fosse menina, ouvindo uma e outra:

— Estou bem com este vestido?

A nervura das tias:

— Horrível! Ponha o de organdi.

Ela voltava ao grande quarto, de forro alto, e mudava a roupa na frente do marido, marginalizado e em silêncio. Concessão maior só do pai, que era meio boêmio, apreciava uma roda de cerveja e de pôquer. O pai soltava gargalhada na cadeira de balanço e garantia ao genro que aquelas velhas, e a própria mulher dele, eram doidas.

A pressão. O reparo para qualquer deslize tolo ou gafe:

— Filho de comerciante.

E Violeta, que nunca teve filhos, engordava, lambia os dedos e os beiços untados de manteiga. Muita banha, preguiça de sair de casa, uma ou outra nota no piano de cauda, com o jarro de flores, onde as moscas dormiam e cagavam.

Veio o desquite. O marido mudou-se para São Paulo. Fez carreira brilhante, é advogado de prestígio e, faz muito tempo, vive com a outra. Mas fixou pensão para a mulher e escrevia-lhe, talvez por pena dela: a gordura disforme. Foram cartas que raramente recebeu, e uma ou outra que ela própria tivesse escrito, tia Matilda, a renitente, tomava do jardineiro, lia e rasgava.

Quando essa tia morreu, porque afinal todos morreram, Violeta encontrou no quarto dela dentro da gaveta da cômoda, lá no fundo, algumas dessas cartas do marido, amarradas com o fitilho. Trancou-se, leu-as à luz do abajur e chorou.

O casarão, com a torre, é ninho de morcegos, que voejam na tarde. Tudo é silêncio. O gradil do muro, enferrujado. Secou a fonte, onde o vento rodopia folhas mortas. De resistente apenas a hera, que sobe pelas velhas paredes, uma ou outra vez aguada por Seu Vicente, jardineiro, ou pela preta mais nova, também cria da família.

A única amiga que a visita volta a assegurar que a vida dela dá um romance.

— Acho que sim.

E Violeta se levanta, pesada, envolvida no cachecol, para fechar a janela por onde vem a corrente de ar e já se aproxima a noite.

MOREIRA CAMPOS, José Maria. Dizem que os cães vêem coisas.
Fortaleza: Edições UFC, 1987.

1. (UFC-CE) Assinale a alternativa que contém a afirmação correta acerca do conto "Os moradores do casarão".

a) A decadência econômica criou uma situação humilhante para a família.
b) A submissão de Violeta às tias e a impertinência delas irritavam o pai de Violeta.
c) O relógio de parede, mesmo antigo, continuava trabalhando arrastado e silencioso.
d) O casarão, há tempos imponente, deteriorou-se, tornando-se um lugar tenebroso e sombrio.
e) As tias de Violeta, embora autoritárias, cediam à vontade da sobrinha, como o fazem as mães.

2. (UFC-CE) Assinale V ou F, conforme seja verdadeira ou falsa a afirmação sobre o conto "Os moradores do casarão" e marque a alternativa que contém a sequência correta.

( ) Á época do casamento, o marido de Violeta era jovem e estudante de Direito.
( ) Tia Matilda lia as cartas endereçadas a Violeta, antes de entregá-las à sobrinha.
( ) O marido de Violeta decidiu morar em São Paulo, somente depois de separar-se dela.

a) F-F-V
b) F-V-V
c) F-V-F
d) V-V-F
e) V-F-V

3. (UFC-CE) Assinale a alternativa cujo par de características pertence ao casarão, espaço onde se desenrola a narrativa.

a) janelas estreitas / paredes altas.
b) piso estragado / janelas estreitas.
c) paredes altas / cômodos pequenos.
d) grades enferrujadas / piso estragado.
e) cômodos pequenos / grades enferrujadas.

4. (UFC-CE) Associe cada descrição (coluna 2) com a perspectiva sob a qual o espaço está sendo descrito (coluna 1).

Coluna 1

(1) De fora para dentro

(2) De dentro para fora

(3) De baixo para cima

(4) Do geral para o particular

Coluna 2

( ) O vento varria as folhas do chão e, pelas paredes, a hera alcançava a torre do velho casarão.
( ) Ao fundo do corredor, o quarto. Lá havia uma cômoda, na qual Matilda escondia algumas cartas de Violeta.
( ) O casarão tinha um ar de abandonado, que se percebia nas paredes sujas, no relógio empoeirado, nos ponteiros imóveis.

a) 3,1,4 b) 3,2, 4 c) 3,1,2 d) 1,4,2 e)1,3,4

5. (UFC-CE) Numere a coluna da direita de acordo com a da esquerda, associando a personagem a uma característica que a identifica no conto.

(1) TiaMatilda
(2) Vioteta
(3) Marido
(4) Pai

( ) Altivez

( ) Obstinação

( ) Mutismo

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

a) 1,2,3 b) 2,4,1 c) 1,4,2 d) 4,2,3 e) 4,3,1

6. (UFC-CE) Marque V ou F, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma.

( ) Nas passagens "a vida dela dá um romance." e "no casarão, que dava para todos", o verbo dar significa ser suficiente.
( ) Com a frase "A mais renitente delas era tia Matilda" entende-se que uma qualidade, que é comum às tias de Violeta, tem em tia Matilda o maior grau de intensidade.
( ) Da passagem "uma ou outra nota no piano de cauda" infere-se que Violeta se dedica à música.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta.

a) V, F, V b) V, V, F c) V, V, V d) F, V, F e) F, F, V

7. (ITA-SP)

Do interior da floresta, no alto das montanhas, em pequenos grotões cercados de muito verde, a água cristalina brota da terra e vai buscando seu caminho por entre as pedras. Ao unir-se às águas de outras nascentes, o filete dessa água cristalina vai se transformando em riachos, córregos e rios.

Descendo a serra em busca do mar, rumo à planície litorânea, as águas vão esculpindo as rochas, formando corredeiras e se lançando pelos vales em cachoeiras que formam os mais belos cenários da Mata Atlântica com suas piscinas naturais. [...]

Folheto do Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo de Santa Virgínia.

A descrição no texto apresenta uma paisagem que parece estar em movimento. Esse movimento é construído basicamente pelo emprego de

a) adjetivos.
b) locuções adverbiais.
c) substantivos que designam elementos da natureza.
d) preposições.
e) locuções verbais com gerúndio.

Proposta 1

Apresentamos, abaixo, a proposta de redação da Universidade Federal do Ceará (UFC-CE). Assim como Os sertões, os textos a seguir tomam Antônio Conselheiro como personagem.

Texto 1

[...] não havia uma só vila, ou lugarejo obscuro, em que não contasse adeptos fervorosos, e não lhe devesse a reconstrução de um cemitério, a posse de um templo ou a dádiva providencial de um açude; insurgira-se desde muito, atrevidamente, contra a nova ordem política e pisara, impune, sobre as cinzas dos editais das câmaras de cidades que invadira [...].

CUNHA, Euclides da. Os sertões. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 208-209.

Texto 2

Manhoso, malvado era ele Com capa de santo enganava Ao bom povo d'aquele sertão Com doçura a eles falava.

BOMB1NHO, Manuel Pedro das Dores; VILLA, Marco Antônio (Orgs.). Canudos, história em versos. São Paulo: Imprensa Oficial/Hedra; São Carlos: Ed. da UFSCar, 2002.

Texto 3

Nunca mais pude esquecer aquela presença. Era forte como um touro, os cabelos negros e lisos lhe caíam nos ombros, os olhos pareciam encantados, de tanto fogo, dentro de uma batina de azulão, os pés metidos numa alpercata de currulepe, chapéu de palha na cabeça. Era manso de palavra e bom de coração. Só aconselhava para o bem.

Depoimento de Honório Vilanova, sobrevivente de Canudos e irmão de Antônio Vilanova, ao escritor Nertan Macedo, em 1962. Disponível em: <www.portfolittm.com.br/iintonio.htm>. Acesso em: 8 out. 2006.

Assim como Bombinho e Vilanova, você também deve ter construído uma imagem do líder de Canudos. A fim de torná-la pública, produza um texto no qual você **descreve** Antônio Conselheiro.

Proposta 2

Apresentamos, a seguir, a proposta de redação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF-MG), em que é solicitada a produção de um texto descritivo. Você está participando, em sua sala de aula, de um debate sobre um fenômeno religioso contemporâneo: os grandes rituais e sua nova linguagem, marcada por uma participação mais envolvente de todos, através de expressões do corpo, da voz e do canto.
Coube-lhe, como tarefa, assistir a um desses rituais e descrevê-lo, em detalhes. **Redija um texto descritivo** sobre o ritual escolhido. Proponha um título para ele.

A DESCRIÇÃO NOS TEXTOS

Como você pôde perceber, a descrição aparece ora como sequência predominante de um gênero, ora como sequência coadjuvante.

Por conta disso, vamos tentar observar as sequências descritivas no contexto em que elas aparecem, destacando sua participação em alguns gêneros textuais: poema, romance, manual de instrução e anúncio publicitário.

Poemas descritivos

Na poesia, a descrição está marcada pela função poética, apresentando imagens inusitadas que recriam seres e/ou ambientes. Dificilmente encontraremos objetividade nas descrições poéticas, pois, como sabemos, a poesia está marcada pelo subjetivismo.

No entanto, alguns estilos poéticos pregavam a objetividade, como foi o caso do Parnasianismo. A poética parnasiana tinha dois postulados básicos: a formalidade na estrutura e o racionalismo temático, dado pelo distanciamento que se tentava estabelecer entre o eu-poético e o tema do poema. Daí um tema recorrente: os poemas descritivos centrados em ambientes, situações e seres, que não o eu-poético. Analisemos um exemplo:

Anoitecer

Esbraseia o Ocidente na agonia
O Sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de oiro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serrania
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

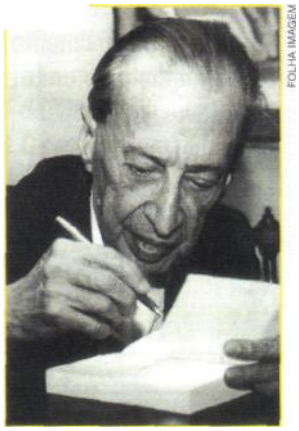
CORREIA, Raimundo. Poesias. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

O poeta captura na sua poesia um momento do dia: o anoitecer. E mais: podemos dizer que temos quatro momentos do dia à maneira de slides fotográficos (três momentos do pôr-do-sol e o próprio anoitecer), compondo o poema descritivo.

Na construção do poema, destaca-se a imagem criada a partir da seqüência gradativa de cores, que vai do dourado, passando pelos tons avermelhados, até chegar aos tons escuros da sombra. Além disso, a quantidade de adjetivos e locuções adjetivas na função de adjuntos adnominais (destacados, de oiro, de púrpura raiados, do dia, de chama aureolados, derramados, suaves, de melancolia, de vapores, informe, apática, trêmula) e os predicados verbo-nominais (Os vértices de chama delineiam-se aureolados; [os vértices] esbatem derramados...; Um mundo de vapores no ar flutua como uma informe nódoa; A natureza esmaece apática; a lua surge trêmula) configuram a sequência descritiva do poema.

Você percebeu que o eu-poemático não se evidencia (não há marcas de primeira pessoa no texto!), distanciando-se assim do tema do poema?

Assim como a descrição acima busca a objetividade pelo distanciamento entre o eu-poemático e o tema do poema, uma descrição poética atinge a subjetividade no seu ponto máximo quando o eu-poemático é o tema da poesia. E mais ainda quando esse eu-poemático, voz e tema do poema, tem alta identificação com o próprio poeta.



Leia a seguir dois poemas descritivos:

Autorretrato

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;

Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
Ficou cronista de província;

Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,

Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.

BANDEIRA, Manuel.
Poesia completa e prosa.
Rio de Janeiro: NovaAgnilar, 1985.
O poeta Manuel Bandeira.

Cogito

eu sou como eu sou
pronome
pessoal intransferível
do homem que iniciei
na medida do impossível

eu sou como eu sou
agora
sem grandes segredos dantes
sem novos secretos dentes
nesta hora

O músico Torquato Neto.

eu sou como eu sou presente
desferrolhado indecente
feito um pedaço de mim

eu sou como eu sou
O músico Torquato Neto.
vidente
e vivo tranqüilamente
todas as horas do fim.

PIRES, Paulo Roberto. Torquatália: obra reunida de Torquato Neto. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. v. I ("Do lado de dentro").

Trocando ideias

Os dois poemas acima são exemplos da maior subjetividade descritiva em textos poéticos: eu poético, tema do poema e poeta se confundem. Em pequenos grupos:

a) levantem os aspectos linguísticos que caracterizam os poemas acima como descritivos;
b) expliquem por que o poema de Manuel Bandeira pode ser considerado auto-irônico e bem-humorado;
c) levantem as características evidenciadas no poema de Manuel Bandeira. Em que se diferencia tematicamente do poema de Torquato Neto?
d) escolham o poema que vocês acham o mais subjetivo dos dois e deem uma justificativa.

O papel da descrição nos textos narrativos

Quando falamos em textos narrativos, as sequências descritivas desempenham papel fundamental na caracterização de personagens e espaços.

Via de regra, a apresentação dos personagens, que envolve a caracterização física e psicológica, e do espaço, que envolve a realidade visual e ambiental, acontece no início da narrativa.

Leia a seguir duas passagens de um clássico de José de Alencar.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta ajandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcíone buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora;

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

***

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

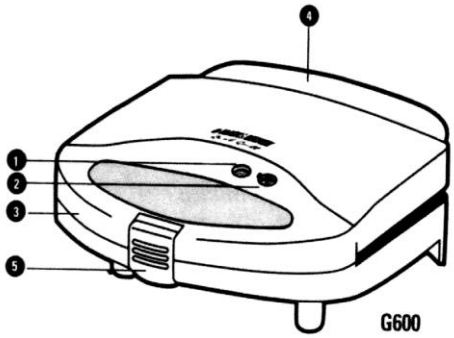
ALENCAR, José de. Iracema. São Paulo: Scipione, 2004.

Esses pequenos fragmentos apresentam sequências descritivas que nos permitem construir e visualizar o espaço (personificado e invocado pelo narrador ao mesmo tempo que o descreve), onde a narrativa será desenrolada, e alguns dos personagens, especialmente Iracema.

É interessante que na descrição da personagem principal podemos não só visualizar sua imagem e construir sua personalidade, como também entender a concepção romântica: trata-se da idealização de uma índia, representante de toda uma nação autóctone.

A descrição nos textos instrucionais

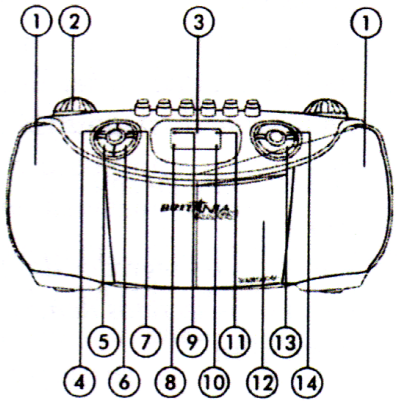
O manual de instruções é um gênero textual que acompanha a maioria dos produtos e tem como função primeira dar orientações sobre seu uso, o que o caracteriza como um texto injuntivo. No entanto, comumente encontramos sequências descritivas nesse tipo de texto.

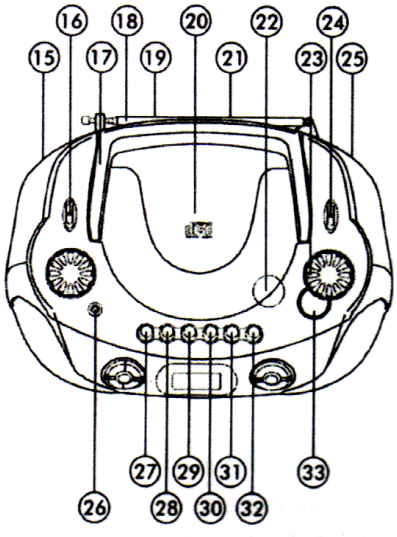


1. Lâmpada Piloto (Vermelha) - Luz vermelha indica que a sanduicheira está conectada e ligada. Permanecerá ligada enquanto a unidade estiver em funcionamento.
2. Lâmpada Piloto (Verde) - Luz verde indica que a temperatura ideal já foi alcançada (aproximadamente 4 minutos). Esta lâmpada se acenderá e desligará durante a operação quando a temperatura for atingida.
3. Alças térmicas
4. Base para o cabo elétrico e para armazenamento vertical
5. Trava de segurança

COMPONENTES

1) Alto-falantes
2) Controle de volume
3) CD-Display
4) CD-Botão aleatório
5) CD-Botão avançar/procurar para trás
6) CD-Botão avançar/procurar para frente
7) CD-Programar/repetir
8) Indicador de FM estéreo
9) Indicador de alimentação
10) CD-Indicador de repetição
11) CD-Indicador de reprodução da programação
12) Compartimento de cassete
13) CD-Botão parar
14) CD-Botão tocar/pausa
15) Entrada do cordão elétrico
16) Seletor de funções
17) Alça
18) Antena para FM
19) Seletor de tensão (atrás do aparelho, dentro compartimento de pilhas)
20) Porta do CD
21) Compartimento das pilhas
22) Abrir porta do CD
23) Controle de Sintonia
24) CD-indicador de repetição
25) Chave de eliminação de batimentos
26) Conector de fones
27) Botão de pausa
28) Botão parar/ejetar
29) Botão avanço rápido
31) Botão rebobinar
32) Botão reproduzir
33) Botão gravar





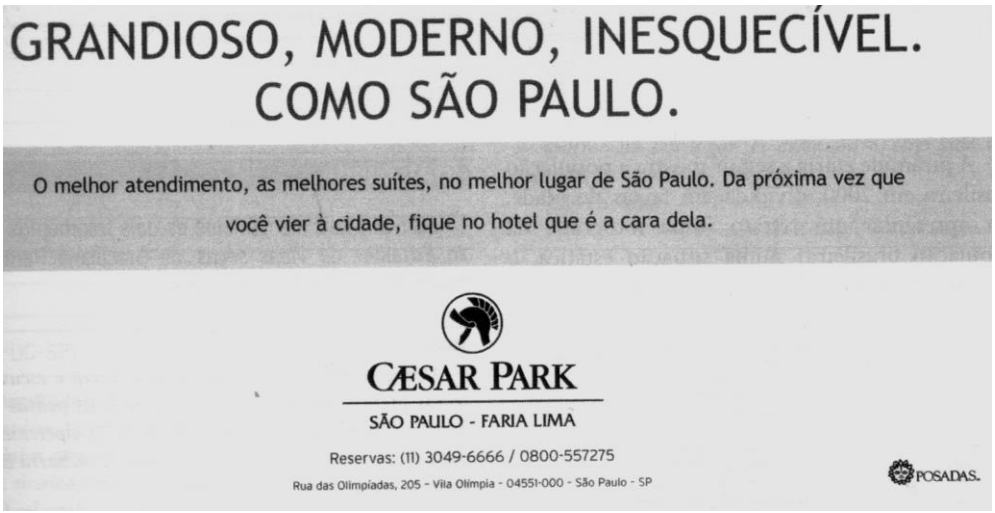
Leia e observe com atenção dois fragmentos de manuais de instrução com sequências descritivas

A descrição nos textos publicitários: um elemento persuasivo

Os textos publicitários são essencialmente injuntivos, pois tentam interferir no comportamento do leitor, levando-o a consumir o produto que apresentam. No entanto, nem sempre formas imperativas bastam para atingir o objetivo da persuasão.

Leia e observe os textos publicitários publicados numa revista de circulação em voos de uma companhia aérea:

DETALHE DE ANÚNCIO DA LG
LG
Pare de dizer quem você é.
Mostre.
LG Life's Good
G7100. Você com liberdade de expressão.
Duplo display colorido • câmera digital para até 260 fotos* • flash embutido • zoom de até 4X* • tira até 9 fotos seqüenciais* • som polifônico de 32 poly • infravermelho • Java** • MMS** • discagem por comando de voz • interface de usuário sonora • jogos • GPRS • Wap.
Conheça a nova linha de celulares LG com tecnologia GSM.


GRANDIOSO, MODERNO, INESQUECÍVEL.
COMO SÃO PAULO.
O melhor atendimento, as melhores suítes, no melhor lugar de São Paulo. Da próxima vez que você vier à cidade, fique no hotel que é a cara dela.
CÆSAR PARK
SÃO PAULO - FARIA LIMA
Reservas: (11) 3049-6666 / 0800-557275
Rua das Olimpíadas, 205 - Vila Olímpia - 04551-000 - São Paulo - SP
POSADAS.

Responda:

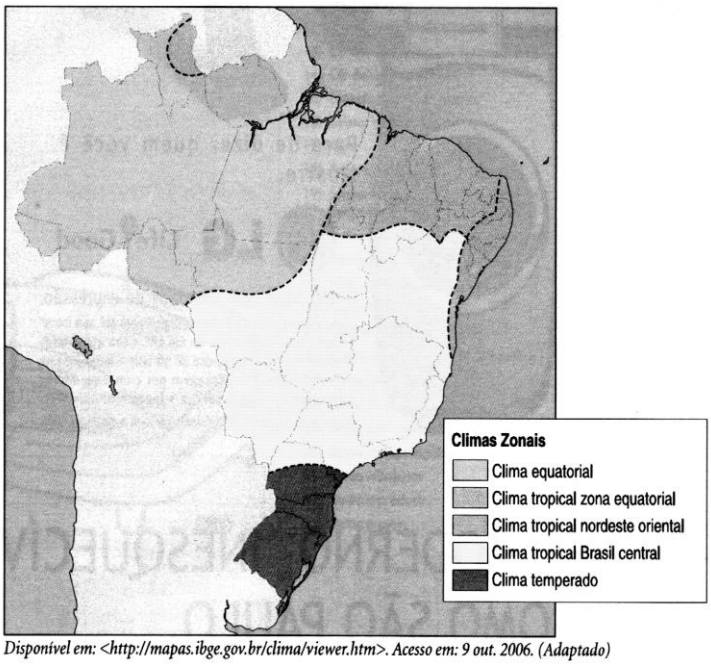
a) quais são os trechos descritivos nos anúncios;
b) qual é a estrutura linguística descritiva recorrente em ambos os textos. Justifique-as;
c) se há alguma relação entre o público-alvo do anúncio e o leitor da revista. Por quê?

A descritividade

Quando falamos em descrição, imediatamente nos vem à mente um tipo de texto que apresenta o retrato de uma pessoa, de uma cena ou de um objeto. No entanto, no dia-a-dia, deparamos frequentemente com textos verbais e não-verbais que, embora não sejam propriamente descrições, apresentam características descritivas, ou seja, são textos que apresentam descritividade.

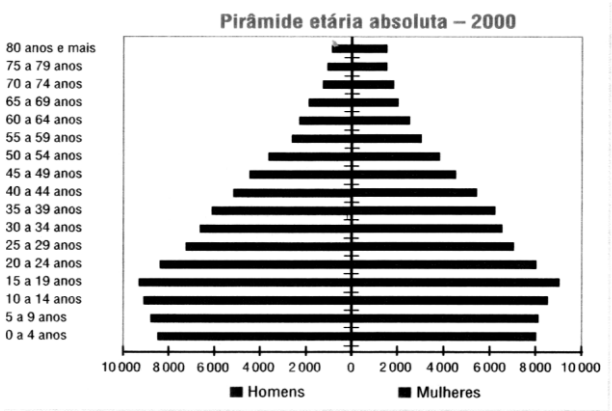
Gráficos, mapas e alguns tipos de ilustração são recursos cada vez mais utilizados, sobretudo pelos órgãos de imprensa, para acrescentar informações ao texto verbal. Muitos desses textos são capazes de mostrar o retrato de uma determinada situação muito melhor do que com palavras. Existe, aliás, um ditado que diz que uma boa imagem vale mais do que mil palavras. Veja dois exemplos a seguir.

O mapa abaixo descreve as zonas climáticas do Brasil:



Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/clima/viewer.htm>. Acesso em: 9 out. 2006. (Adaptado)

A pirâmide etária a seguir mostra a população brasileira em 2000, dividida em faixas de idade. Por apresentar um retrato (uma fotografia da população brasileira) numa situação estática, o gráfico é marcado pela descritividade:


Pirâmide etária absoluta – 2000
80 anos e mais
75 a 79 anos
70 a 74 anos
65 a 69 anos
60 a 64 anos
55 a 59 anos
50 a 54 anos
45 a 49 anos
40 a 44 anos
35 a 39 anos
30 a 34 anos
25 a 29 anos
20 a 24 anos
15 a 19 anos
10 a 14 anos
5 a 9 anos
0 a 4 anos
10 000 8 000 6 000 4 000 2 000 0 2 000 4 000 6 000 8 000 10 000
Homens
Mulheres

Disponível em: <www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm>. Acesso em: 9 out. 2006.

ATIVIDADES

1. (FGV-SP) Leia atentamente os dois fragmentos abaixo extraídos de Vidas secas, de Graciliano Ramos, e desenvolva a questão que segue:

Texto 1

Alcançou o pátio, enxergou a casa baixa e escura, de telhas pretas, deixou atrás os juazeiros, as pedras onde jogavam cobras mortas, o carro de bois. As alpercatas dos pequenos batiam no chão branco e liso. A cachorra Baleia trotava arquejando, a boca aberta.

"Fabiana" em: RAMOS, G. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olyrnpio, 1947.

Texto 2

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiana, um Fabiana enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes.

"Baleia" em: RAMOS, G. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

A expressividade do discurso de Vidas secas ocorre por meio da forma singular com que são trabalhados todos os níveis gramaticais, mas encontra nos nomes (substantivos e adjetivos) e nos tempos verbais, lugar especial na construção dos sentidos. Analise essa afirmação relacionando comparativamente os dois fragmentos selecionados.

3. (PUC-SP)
Pensão familiar

Jardim da pensãozinha burguesa.
Gatos espapaçados ao sol.
A tiririca sitia os canteiros chatos.
O sol acaba de crestar as boninas que murcharam.
Os girassóis
amarelo!
resistem.
— É a única criatura fina na pensãozinha burguesa.
E as dálias, rechonchudas, plebéias, dominicais.
Um gatinho faz pipi.
Com gestos de garçom de restaurante - Palace
Encobre cuidadosamente a mijadinha.
Sai vibrando com elegância a patinha direita:

Este poema é de Manuel Bandeira e integra a obra Libertinagem. Do ponto de vista de sua construção, não se pode afirmar que:

a) é enfaticamente descritivo na primeira parte e caracteriza o cenário natural, valendo-se principalmente de frases nominais.
b) sugere atmosfera afetuosa e terna caracterizada pelo uso expressivo do diminutivo.
c) opera o procedimento narrativo de tal forma a conciliá-lo com o descritivo, sem, no entanto, reduzi-lo a um mero pano de fundo.
d) carece de exploração visual e perde poeticidade em deslizes semânticos e sintáticos.
e) ilumina e colore o poema e a página, que se contaminam pela força invasora do amarelo.

Texto para as questões de 3 a 6.

Zoo

Uma cascavel, nas encolhas[1]. Sua massa infame.

Crime: prenderam, na gaiola da cascavel, um ratinho branco. O pobrinho se comprime num dos cantos do alto da parede de tela, no lugar mais longe que pôde. Olha para fora, transido, arrepiado, não ousando choramingar. Periodicamente, treme. A cobra ainda dorme.

*

Meu Deus, que pelo menos a morte do ratinho branco seja instantânea!

*

Tenho de subornar um guarda, para que liberte o ratinho branco da jaula da cascavel. Talvez ainda não seja tarde.

*

Mas, ainda que eu salve o ratinho branco, outro terá de morrer em seu lugar. E, deste outro, terei sido eu o culpado.

[1] **nas encolhas** = retraída, imóvel

Fragmentos extraídos de Ave, palavra, de Guimarães Rosa.

3. (Fuvest-SP) A situação do ratinho branco, preso na gaiola da cascavel, provocou no narrador:

a) imediato sentimento de culpa, que o levou a declarar-se responsável pela situação.
b) desejo imediato de intervenção, a fim de antecipar o previsível desfecho.
c) reação espontânea e indignada, da qual veio a se arrepender mais tarde.
d) compaixão e desejo de intervir, seguidos de uma reflexão moral.
e) curiosidade e repulsa, a que se seguiu a indiferença diante do inevitável.

4. (Fuvest-SP) Por meio de frases como "A cobra ainda dorme", "Talvez ainda não seja tarde" e "ainda que eu salve o ratinho branco", o narrador:

a) prolonga a tensão, alimentando expectativas.
b) exprime a inevitabilidade dos fatos, ao empregar os verbos no presente.
c) entrega-se a fantasias, desligando-se das circunstâncias presentes.
d) formula hipóteses vagas, argumentando de modo abstrato.
e) precipita a ação do tempo, apressando a narração dos fatos.

5. (Fuvest-SP) O último parágrafo permite inferir que a convicção final do narrador é a de que:

a) a culpa maior está na omissão permanente.
b) os atos bem-intencionados são inocentes.
c) nenhuma escolha é isenta de responsabilidade.
d) não há como discordar da lei do mais forte.
e) não há culpa em quem aperfeiçoa as leis da natureza.

6. (Fuvest-SP) Neste texto, o parágrafo em que ocorrem elementos descritivos expressos por meio de frases nominais é o:

a) primeiro. b) segundo. c) terceiro. d) quarto. e) quinto.

7. (Enem)

Depois de um bom jantar: feijão com carne-seca, orelha de porco e couve com angu, arroz-mole engordurado, carne de vento assada no espeto, torresmo enxuto de toicinho da barriga, viradinho de milho verde e um prato de caldo de couve, jantar encerrado por um prato fundo de canjica com torrões de açúcar, Nhô Tome saboreou o café forte e se estendeu na rede. A mão direita sob a cabeça, à guisa de travesseiro, o indefectível cigarro de palha entre as pontas do indicador e do polegar, envernizados pela

fumaça, de unhas encanoadas e longas, ficou-se de pança para o ar, modorrento, a olhar para as ripas do telhado.

Quem come e não deita, a comida não aproveita, pensava Nhô Tome... E pôs-se a cochilar. A sua modorra durou pouco; Tia Policena, ao passar pela sala, bradou assombrada:

- Êêhl Sinhô! Vai drumi agora? Não! Num presta... Dá pisadêra e pôde morre de ataque de cabeça! Despois do armoço numfa r-má... mais despois da janta?!

Cornélio Pires. Conversas ao pé do fogo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

Nesse trecho, extraído de texto publicado originalmente em 1921, o narrador:

a) apresenta, sem explicitar juízos de valor, costumes da época, descrevendo os pratos servidos no jantar e a atitude de Nhô Tome e de Tia Policena.

b) desvaloriza a norma culta da língua porque incorpora à narrativa usos próprios da linguagem regional das personagens.
c) condena os hábitos descritos, dando voz a Tia Policena, que tenta impedir Nhô Tome de deitar-se após as refeições.
d) utiliza a diversidade sociocultural e lingüística para demonstrar seu desrespeito às populações das zonas rurais do início do século XX.
e) manifesta preconceito em relação a Tia Policena ao transcrever a fala dela com os erros próprios da região.

8. (Enem)

No início do século XIX, o naturalista alemão Carl Von Martius esteve no Brasil em missão científica para fazer observações sobre a flora e a fauna nativas e sobre a sociedade indígena. Referindo-se ao indígena, ele afirmou:

Permanecendo em grau inferior da humanidade, moralmente, ainda na infância, a civilização não o altera, nenhum exemplo o excita e nada o impulsiona para um nobre desenvolvimento progressivo [...], Esse estranho e inexplicável estado do indígena americano, até o presente, tem feito fracassarem todas as tentativas para conciliá-lo inteiramente com a Europa vencedora e torná-lo um cidadão satisfeito e feliz.

Carl Von Martius. O estado do direito entre os autóctones do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: Edusp, 1982.

Com base nessa descrição, concluiu-se que o naturalista Von Martius:

a) apoiava a independência do Novo Mundo, acreditando que os índios, diferentemente do que fazia a missão europeia, respeitavam a flora e a fauna do país.
b) discriminava preconceituosamente as populações originárias da América e advogava o extermínio dos índios.
c) defendia uma posição progressista para o século XIX: a de tornar o indígena cidadão satisfeito e feliz.
d) procurava impedir o processo de aculturação, ao descrever cientificamente a cultura das populações originárias da América.
e) desvalorizava os patrimônios étnicos e culturais das sociedades indígenas e reforçava a missão "civilizadora europeia", típica do século XIX.

Leia atentamente os textos abaixo:

O texto 1

É uma sala em quadro, toda ela de uma alvura deslumbrante, que realçam o azul celeste do tapete de rico recamado de estrelas e a bela cor de ouro das cortinas e do estofo dos móveis. A um lado, duas estatuetas de bronze dourado representando o amor e a castidade sustentam uma cúpula oval de forma ligeira, donde se desdobram até o pavimento bambolins de cassa finíssima. Doutro lado, há uma lareira, não de fogo, que o dispensa nosso ameno clima fluminense, ainda na maior força do inverno. Essa chaminé de mármore cor-de-rosa é meramente pretexto para o cantinho de conversação.

ALENCAR, José de. Senhora. Sã» Paulo: Scipione, 1998.

Texto 2

O quarto respirava todo um ar triste de desmazelo e boêmia. Fazia má impressão estar ali: o vômito de Amando secava-se no chão, azedando o ambiente; a louça, que servira ao último jantar, ainda coberta de gordura coalhada, aparecia dentro de uma lata abominável, cheia de contusões e comida de ferrugem. Uma banquinha, encostada à parede, dizia com o seu frio aspecto desarranjado que alguém estivera aí a trabalhar durante a noite, até que se extinguira a vela, cujas últimas gotas de estearina se derramavam melancolicamente pelas bordas de um frasco vazio de xarope Larose, que lhe fizera as vezes de castiçal.

AZEVEDO, Aluísio. Casa de pensão. São Paulo: Scipione, 2000.

a) Os textos 1 e 2, extraídos de romances de estilos de épocas (ou escolas literárias) diferentes, têm algum ponto em comum? Justifique sua resposta.

b) O texto 1 é tipicamente romântico. Cite uma característica desse estilo que se comprove pelo texto.

c) O texto 2 é tipicamente naturalista. Cite uma característica presente no texto

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Ao contrário das figuras de linguagem, que representam realce e beleza às mensagens emitidas, os vícios de linguagem são palavras ou construções que vão de encontro às normas gramaticais. Os vícios de linguagem costumam ocorrer por descuido, ou ainda por desconhecimento das regras por parte do emissor. Observe:

Pleonasmo Vicioso ou Redundância

Diferentemente do pleonasmo tradicional, tem-se pleonasmo vicioso quando há repetição desnecessária de uma informação na frase.
Exemplos:

Entrei para dentro de casa quando começou a anoitecer.
Hoje fizeram-me uma surpresa inesperada.
Encontraremos outra alternativa para esse problema.

Observação: o pleonasmo é considerado vício de linguagem quando usado desnecessariamente, no entanto, quando usado para reforçar a mensagem, constitui uma figura de linguagem.

Barbarismo

É o desvio da norma que ocorre nos seguintes níveis:

1) Pronúncia
a) Silabada: erro na pronúncia do acento tônico.
Por Exemplo: Solicitei à cliente sua rúbrica. (rubrica)

b) Cacoépia: erro na pronúncia dos fonemas.
Por Exemplo: Estou com poblemas a resolver. (problemas)

c) Cacografia: erro na grafia ou na flexão de uma palavra.
Exemplos:
Eu advinhei quem ganharia o concurso. (adivinhei)
O segurança deteu aquele homem. (deteve)

2) Morfologia
Exemplos:
Se eu ir aí, vou me atrasar. (for)

Sou a aluna mais maior da turma. (maior)

3) Semântica
Por Exemplo: José comprimentou seu vizinho ao sair de casa. (cumprimentou)

4) Estrangeirismos

Considera-se barbarismo o emprego desnecessário de palavras estrangeiras, ou seja, quando já existe palavra ou expressão correspondente na língua.
Exemplos:
O show é hoje! (espetáculo)
Vamos tomar um drink? (drinque)

Solecismo

É o desvio de sintaxe, podendo ocorrer nos seguintes níveis:

1) Concordância
Por Exemplo: Haviam muitos alunos naquela sala. (Havia)

2) Regência
Por Exemplo: Eu assisti o filme em casa. (ao)

3) Colocação
Por Exemplo: Dancei tanto na festa que não aguentei-me em pé. (não me aguentei em pé)

Ambiguidade ou Anfibologia

Ocorre quando, por falta de clareza, há duplicidade de sentido da frase.
Exemplos:
Ana disse à amiga que seu namorado havia chegado. (O namorado é de Ana ou da amiga?)
O pai falou com o filho caído no chão. (Quem estava caído no chão? Pai ou filho?)

Cacofonia

Ocorre quando a junção de duas ou mais palavras na frase provoca som desagradável ou palavra inconveniente.
Exemplos:
Uma mão lava outra. (mamão)
Vi ela na esquina. (viela)
Dei um beijo na boca dela. (cadela)
Eco
Ocorre quando há palavras na frase com terminações iguais ou semelhantes, provocando dissonância.
Por Exemplo: A divulgação da promoção não causou comoção na população.
Hiato

Ocorre quando há uma sequência de vogais, provocando dissonância.

Exemplos:

Eu a amo.
Ou eu ou a outra ganhará o concurso.
Colisão
Ocorre quando há repetição de consoantes iguais ou semelhantes, provocando dissonância.
Por Exemplo: Sua saia sujou.

Exercício 1: (URCA 2010)

Sobre os vícios de linguagem, relacione a segunda coluna com a primeira:

(A) barbarismo;
(B) solecismo;
(C) cacófato;
(D) redundância;
(E) ambiguidade.

( ) É admirável a fé de meu tio;
( ) Não teve dó: decapitou a cabeça do condenado;
( ) Faziam anos que não morriam pessoas;
( ) Coitado do burro do meu irmão! Morreu.
( ) Intervi na briga por que sou intimerato

a) D – C – A – B – E;
b) B – E – D – A – C;
c) C – D – B – E – A;
d) A – B – E – C – D;
e) E – A – C – B – D

Bibliografia:

Novas Palavras - Emília Amaral/Mauro Ferreira/Ricardo Silva Leite/Severino Antônio – Ed. FTD
http://www.algosobre.com.br/redacao/texto-dissertativo-argumentativo.html
Para entender o Texto – Platão e Fiorin – Ed. Ática
Sistema SER de ensino Ensino Médio - Ed. Abril